

# ARQUITECTURA

RESULTADOS DO CONCURSO  
PARA UMA CASA DE FÉRIAS

# ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

## S U M Á R I O

### ARTIGOS:

Maleitas da Architectura Nacional — 6. A mania das Presses e o Dinamismo, seu Filho Dilecto. Architecto Keil Amarel . . . . .	24
Ascorel . . . . .	32
Estudo de Pintura Mural. Architecto Frederico George. . . . .	33
Carta de Azenes (Continuação). . . . .	39

### ARQUITECTURA:

Concurso para uma Casa de férias no Alto Rodízio . . . . .	2
Concurso para o Monumento a Diogo Cão a erigir em Luanda . . . . .	29

### URBANISMO

O Plano de Reconstrução de Moçância . . . . .	26
---	----

### ARTES PLÁSTICAS

A III Exposição Geral de Artes Plásticas . . . . .	35
--	----

### SECÇÕES:

Ecos e Notícias . . . . .	41
Livros e Revistas . . . . .	43

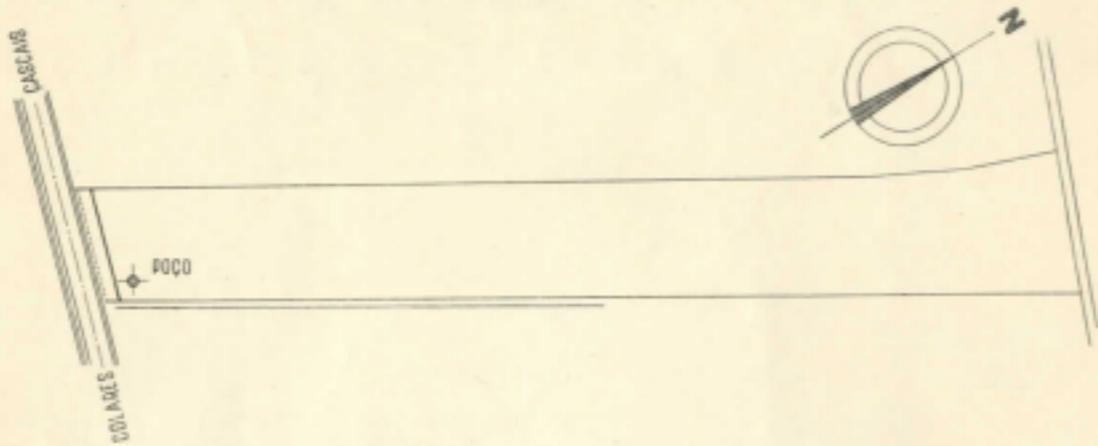
DIRECTOR E EDITOR: F. PEREIRA DA COSTA • PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, L.C.A.T., LDA • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EMPRESA DE TIPOGRAFIA E PUBLICIDADE, LDA, T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA • ADMINISTRAÇÃO (PROVISÓRIAMENTE): T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA • TELEF. 2.490 • GRAVURAS DA FOTOGRAVURA ARTÍSTICA, LDA, RUA DAS GÁVEAS, 67, 1.º, 250 • ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 6 NÚMEROS, 42500; 12 NÚMEROS, 60500 • COLÓNIA PORTUGUESA E BRASIL: 12 NÚMEROS, 100500 • OUTROS PAÍSES: 12 NÚMEROS, 120500 • AS ASSINATURAS PAGAS ADIANTADAMENTE, INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO

ANO XX • 2.ª SÉRIE • NÚMEROS 23-24 • MAIO-JUNHO DE 1948

ESTE NÚMERO DE "ARQUITECTURA" FOI ORGANIZADO PELOS ARQUITECTOS BENTO D'ALMEIDA, MANUEL BARRERA E VÍTOR PALLA

# CONCURSO PARA UMA CASA DE FÉRIAS NO ALTO RODÍZIO

AS CONDIÇÕES DESTE CONCURSO FORAM PUBLICADAS NO N.º 16 DE «ARQUITECTURA», DE JUNHO DE 1947



## JÚRI

Sr. ANTERO FERREIRA

ARQUITECTO PAULO CUNHA (DELEGADO DE «ARQUITECTURA»)

ARQUITECTO PROFESSOR CARLOS RAMOS

PEDRO CID, ALUNO DO CURSO SUPERIOR DE ARQUITECTURA DA E. B. A. L.

(DELEGADOS DOS CONCORRENTES)

## CONCORRENTES

JOAQUIM BENTO D'ALMEIDA

JOÃO ANDRESSEN

JORGE GARIZO DO CARMO

CELESTINO CASTRO

ALBERTO CENTENO

JORGE CHAVES

FERNANDO LANHAS

JOSÉ HUERTAS LOBO

MANUEL RODRIGUES E ANTÓNIO MACHADO

MANUEL DA COSTA MARTINS

ROGÉRIO MARTINS

MANUEL ALZINA DE MENEZES

HERCULANO NEVES

VÍTOR PALLA

CÂNDIDO PALMA

FERNANDO PERES

FERNANDO SÁ E REIS E JORGE SÁ E REIS

SEBASTIÃO FORMOSINHO SANCHES

TODAS AS PLANTAS, CORTES E ALÇADOS, EXCEPTO INDICAÇÃO EM CONTRÁRIO, SÃO APRESENTADOS À ESCALA DE 1:200

## RELATÓRIO DO JÚRI PELO ARQUITECTO CARLOS RAMOS

Em obediência aos propósitos da revista «Arquitectura», e por iniciativa do Sr. Antero Ferreira, foi aberto um concurso entre os Arquitectos portugueses que tivessem concluído o seu curso há menos de 5 anos e os alunos do Curso Superior de Arquitectura das E. de B. A. de Lisboa e Porto, para a elaboração de um ante-projecto de uma casa de férias a construir no Alto Rodízio, próximo da Praia das Maçãs. Além da planta do terreno, sua orientação e confrontações, fornecia-se o programa das dependências a considerar e condicionava-se o partido a preferências por determinados materiais de construção, que o mesmo é dizer, embora a título de sugestões, que estava à vista uma determinada expressão estética. Quanto a nós, júri, foi talvez levar longe de mais os propósitos ou desejos do Sr. Antero Ferreira. Além do programa e seus naturais condicionamentos, nenhuns outros, a não ser a designação de «Casa de Férias» deveriam ter sido enunciados.

Aliás, o tema em si, uma unidade de habitação para ocupar, com intermitências, por um determinado agregado familiar, não deve constituir motivo ideal para pôr a concurso, se partirmos do princípio que o mais perfeito e profundo conhecimento desse mesmo agregado constitui, na sua essência, a base de

toda a solução conveniente. Assim, os elementos de informação, que, por alguns dos candidatos foram despresados, foram, por outros, oportunamente solicitados, sem que se possa ajuizar em que medida estes intervieram para apuramento das soluções apresentadas. Não foi pois possível, ainda mesmo na presença do Sr. Antero Ferreira, entrar em linha de conta com a apreciação e confronto de elementos essenciais aos estudos promovidos.

Foi, de uma maneira geral, «o espírito» dos candidatos que dominou e orientou todos os esforços do júri para uma melhor seleção.

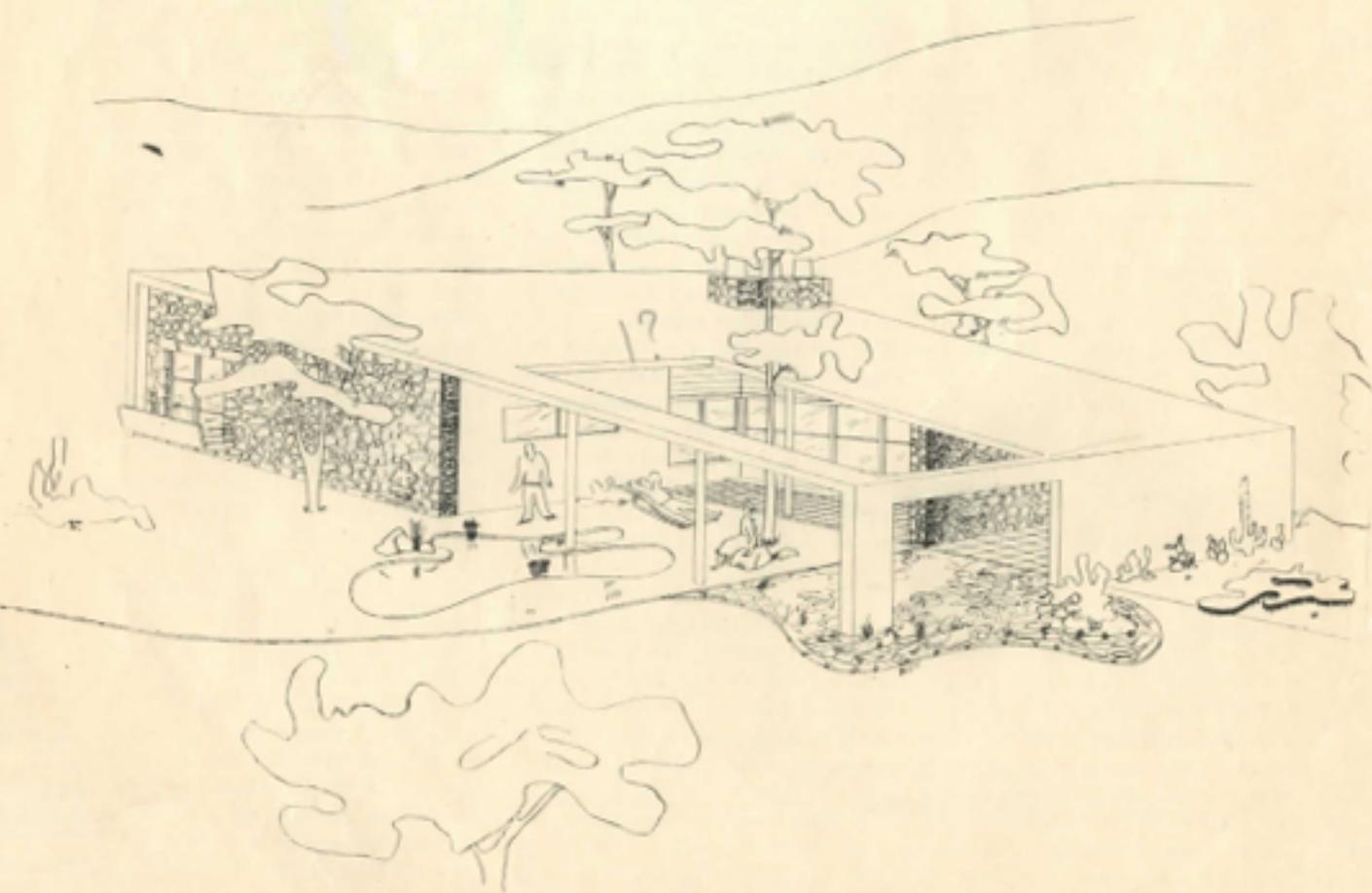
Há que reconhecer o interesse que mereceu o renascimento de uma prática — o concurso público — e o que ele representa de estímulo e apuramento de determinadas faculdades profissionais. Foram apresentados 17 ante-projectos — e nem todos dentro das condições regulamentares do concurso. Alguns dos candidatos, na ânsia de não perderem uma oportunidade de revelarem as suas aptidões, mas cedo ainda, não tinham ultrapassado a barreira que constitui o 4.º ano da especialidade. Foram contudo admitidos no concurso por um natural e lógico reconhecimento e como prémio do seu irreprimível entusiasmo. Se, de uma maneira geral, o nível médio dos trabalhos apresentados não

atinge o grau desejado, o sempre desejado grau, essa circunstância deve-se muito mais à falta de experiência por este género de competições do que propriamente ao valor individual revelado pela maioria dos candidatos. A concorrência, neste caso, não leva apenas o arquitecto a apurar as suas virtudes mas a colocá-lo num clima especial que o conduza a produzir o melhor que puder e souber. Este conceito que resulta, naturalmente, do espírito dessa espécie de concorrência leal e aberta a todos, não se adquire senão com a experiência do sistema e com o seu permanente exercício. Isto é, abram-se concursos, mais concursos, muitos concursos e sempre concursos e teremos os nossos arquitectos lançados no melhor caminho. Esta iniciativa assim o demonstra e, mais do que ela, o entusiasmo que representa o número de concorrentes inscritos. Da classificação, já tornada pública no n.º 22 e da publicação neste número dos trabalhos apresentados, concluirão certamente todos, como nós, que é grande a distância que separa duas gerações — e como se caminha «naturalmente» para uma limpidez e transparência das soluções arquitectónicas actuais, sem necessidade de as agrupar dentro das classes que, embora constituindo tendências variadas e múltiplas, não passam de simples solfejo profissional.

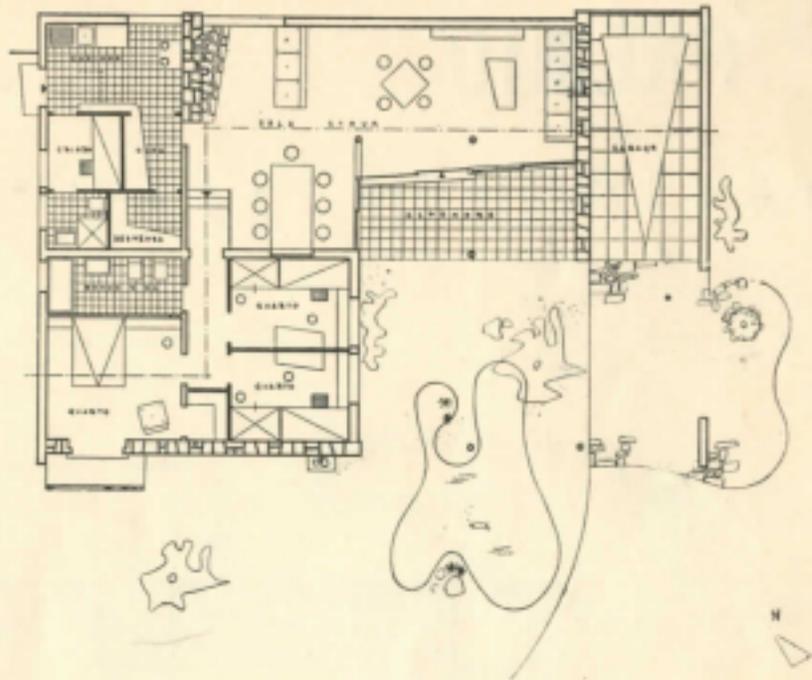
# 1.º PRÉMIO

PRÉMIO ADELINO NUNES E COTTINELLI TELMO

ARQUITECTO JOÃO ANDRESSSEN



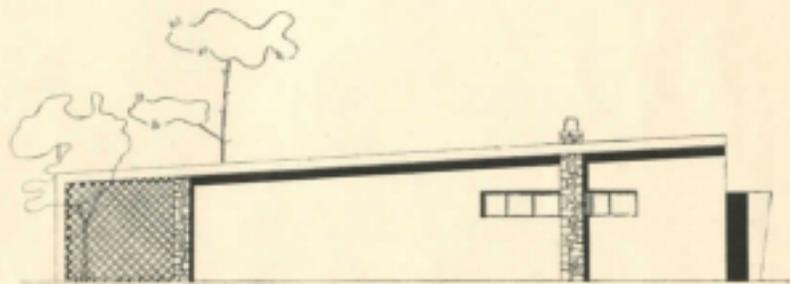
PLANTA



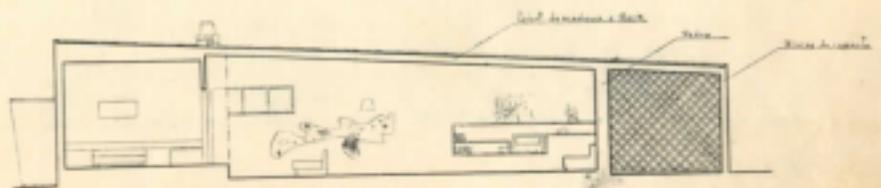
ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE

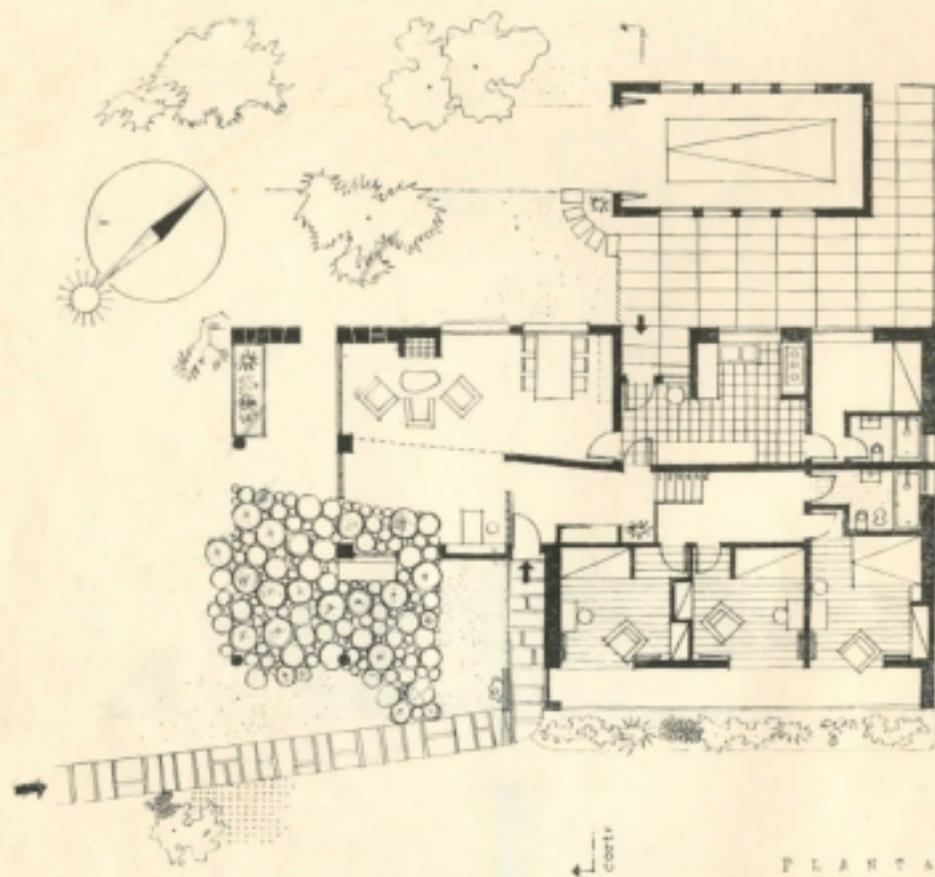


CORTE AB

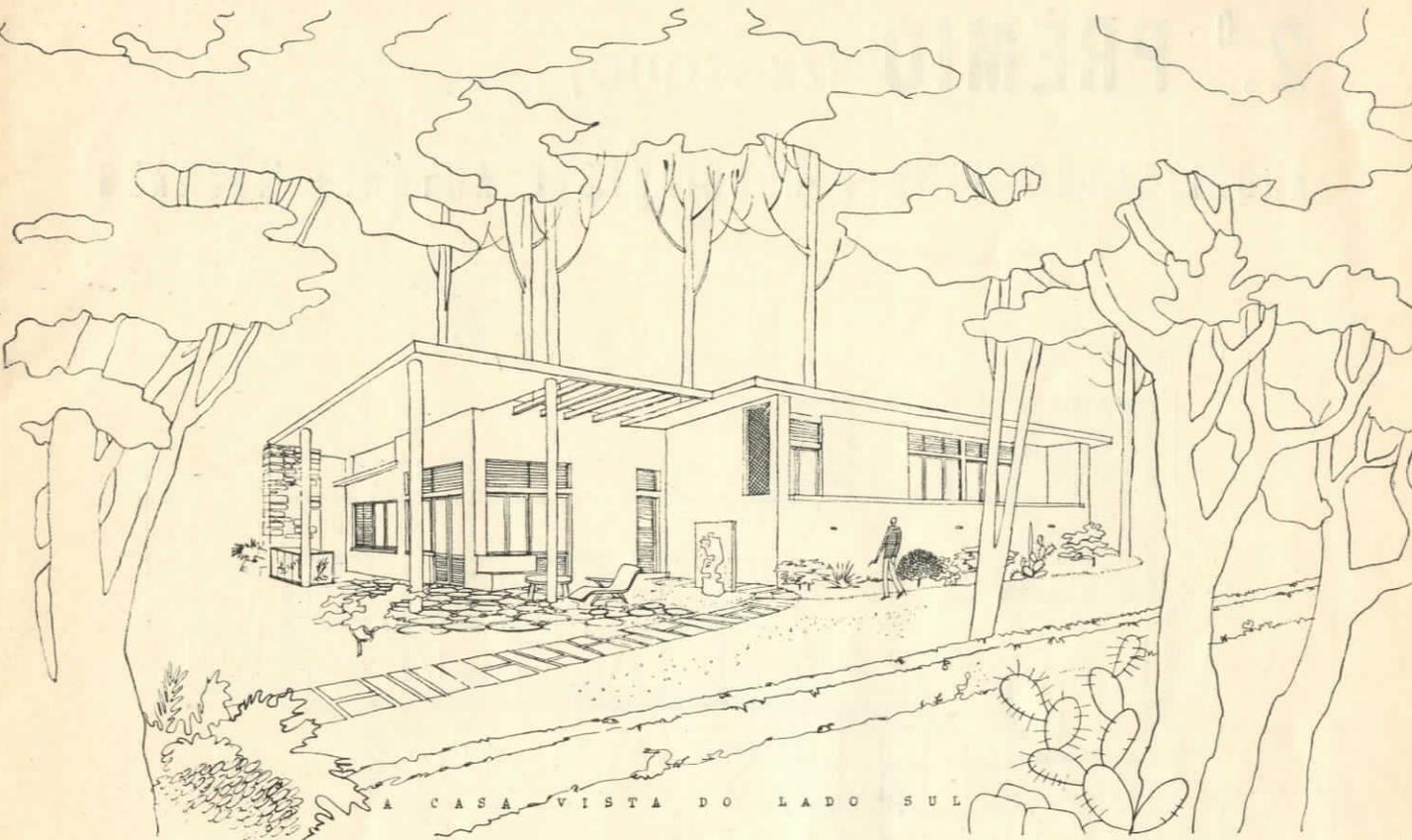


# 2.º PRÉMIO

ARQUITECTO VICTOR PALLA



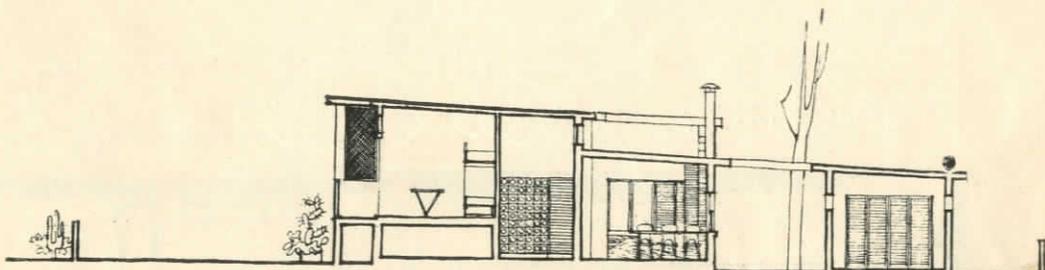
ALÇADO SUL



A CASA VISTA DO LADO SUL



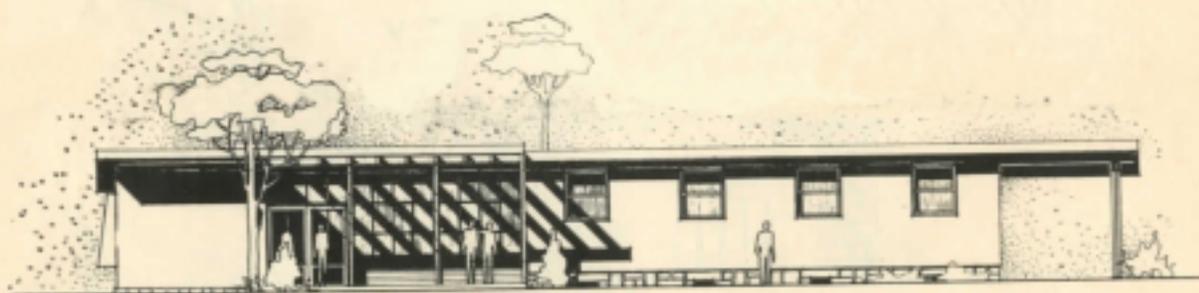
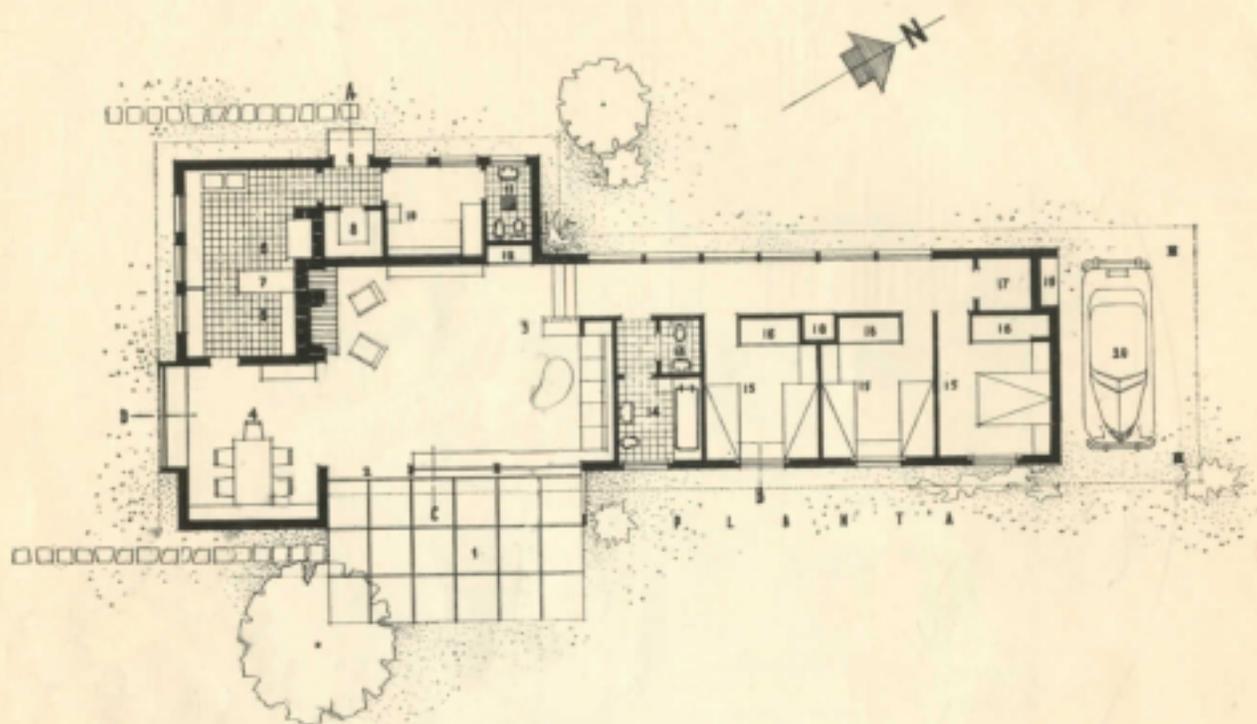
ALÇADO NASCENTE



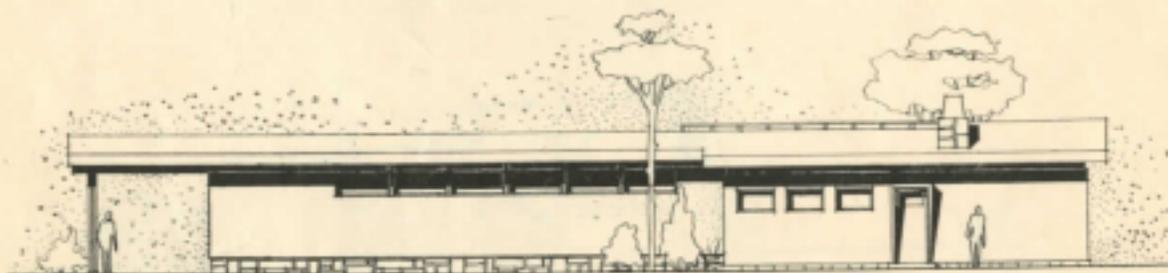
CORTE

# 2.º PRÉMIO (EX ÆQUO)

ARQUITECTOS MANUEL RODRIGUES E ANTÓNIO MACHADO



A L G A B O N A S C E R T E



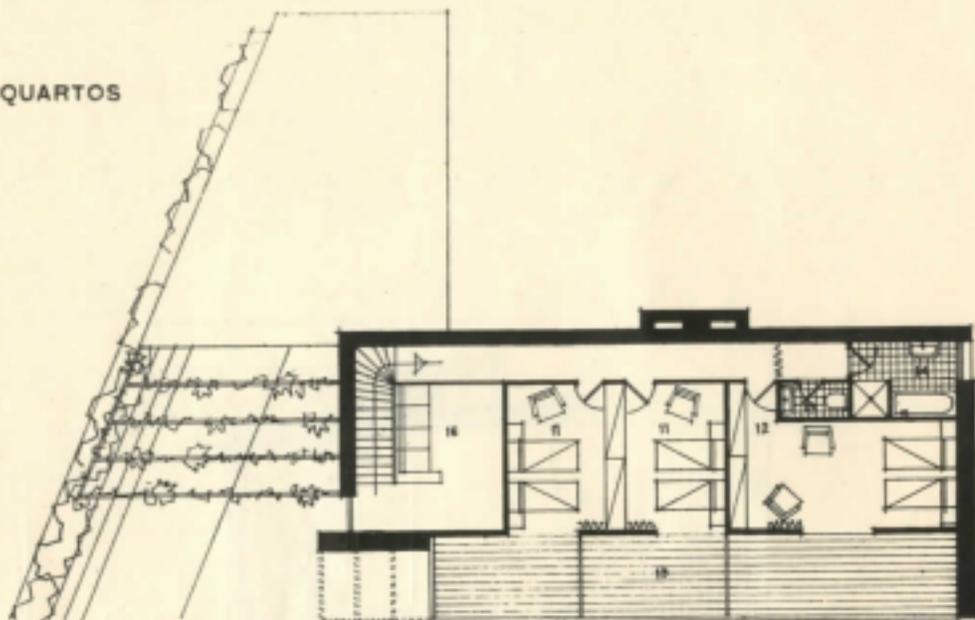
A L G A B O P R I N T E



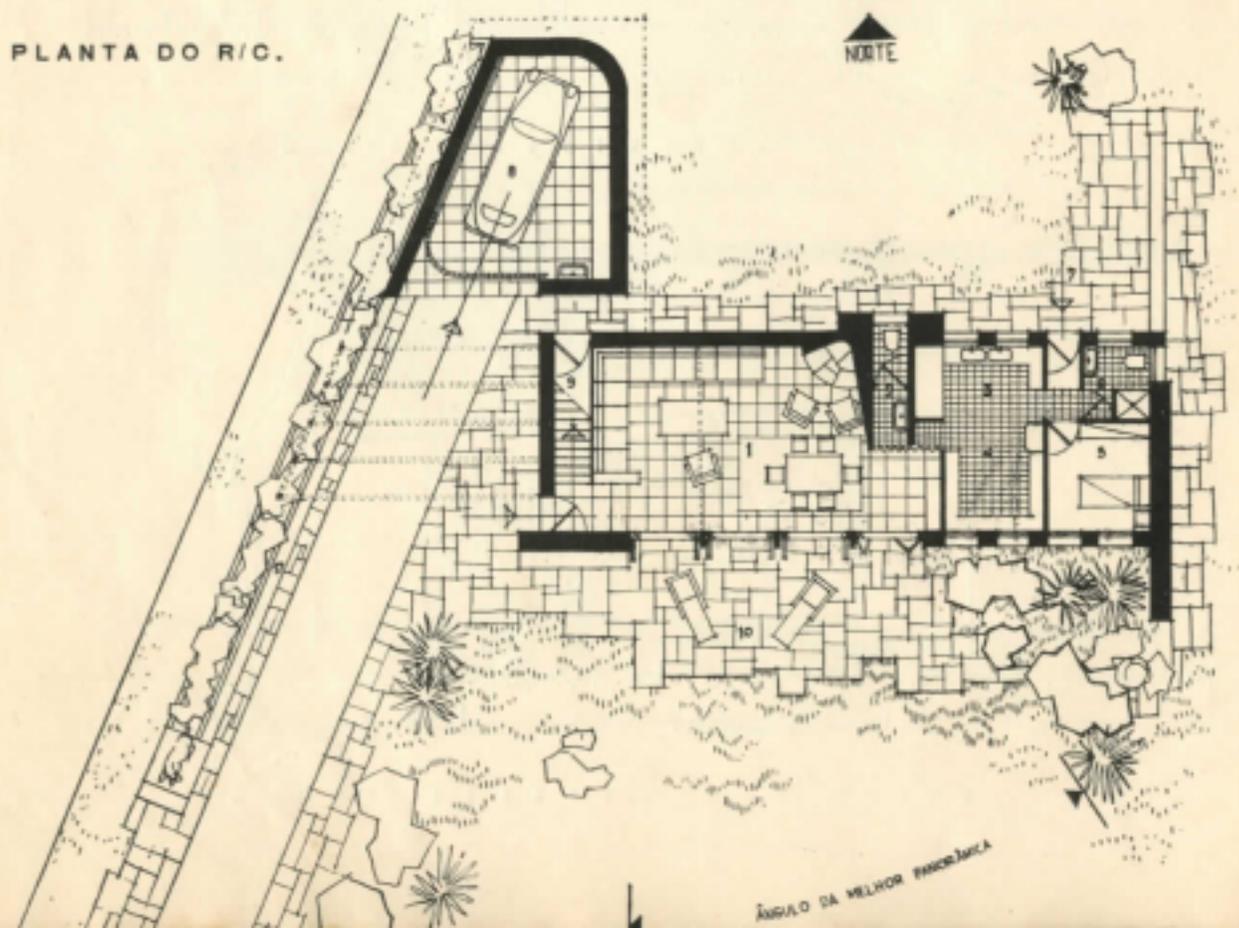
# MENÇÃO HONROSA

ARQUITECTO CANDIDO PALMA

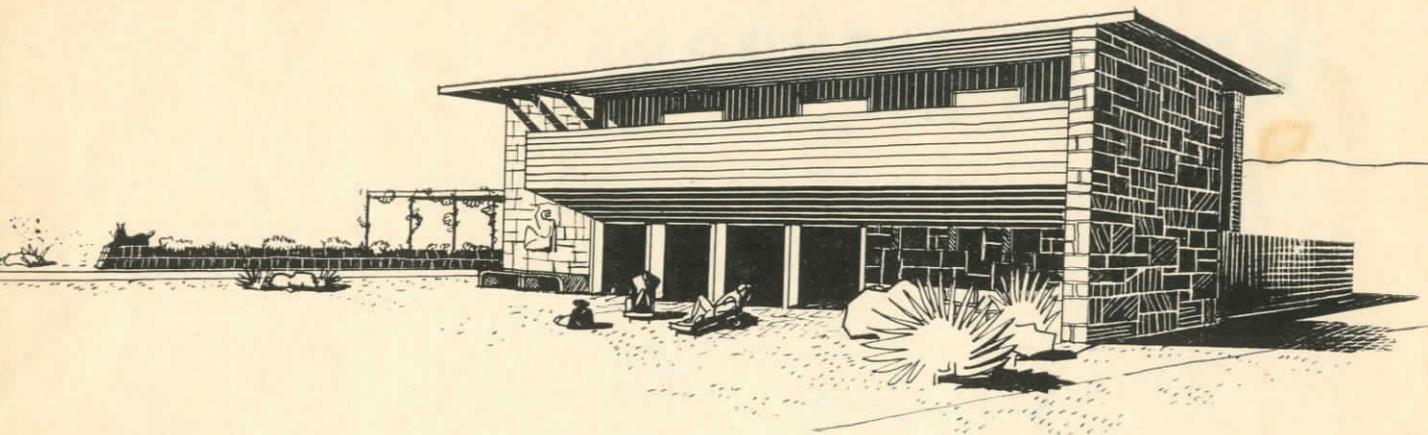
PLANTA DOS QUARTOS



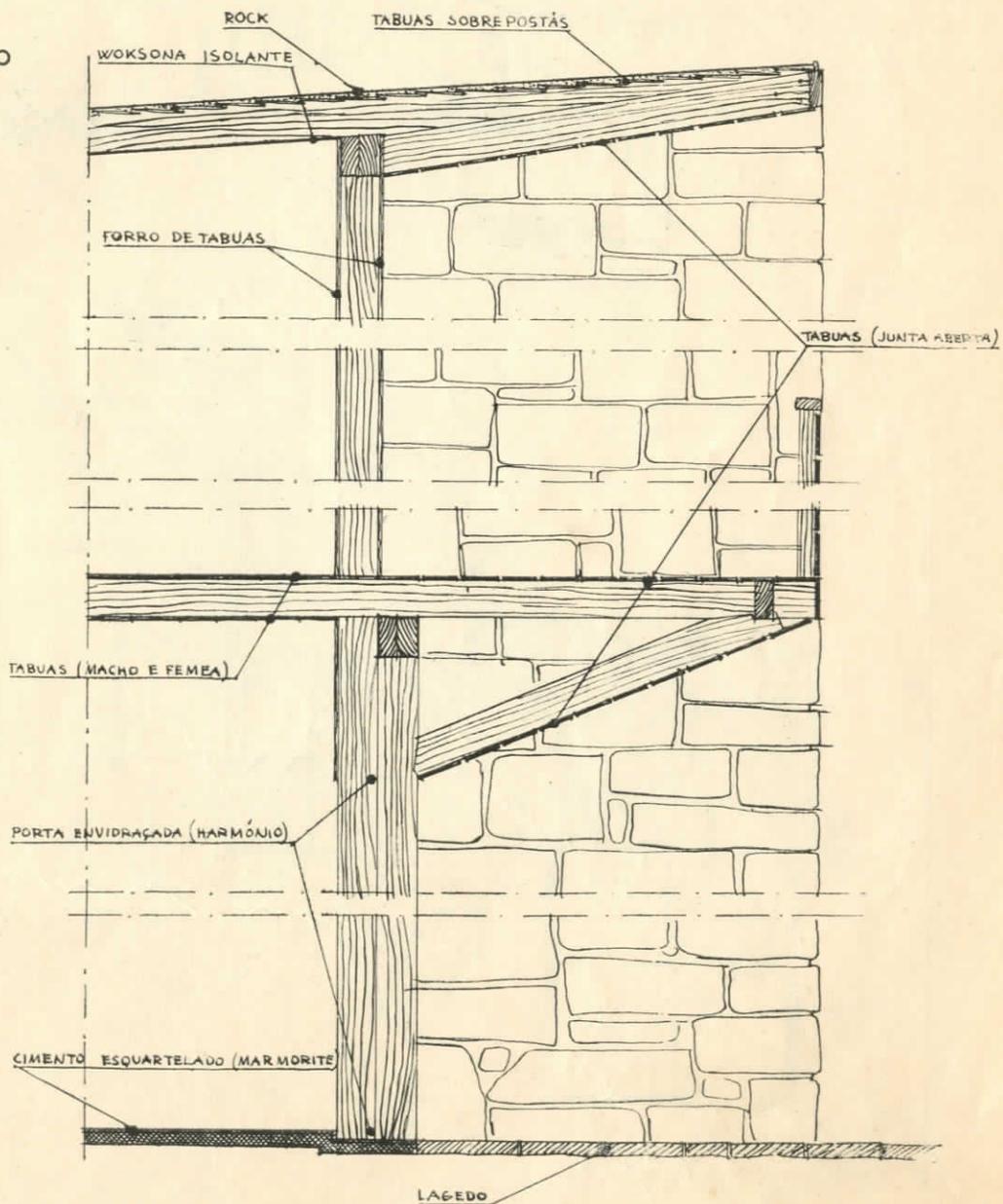
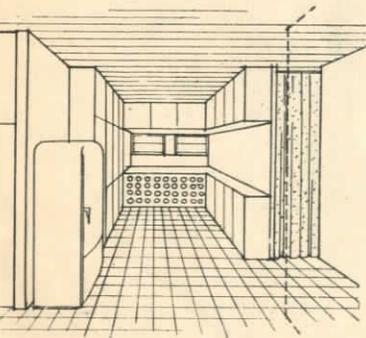
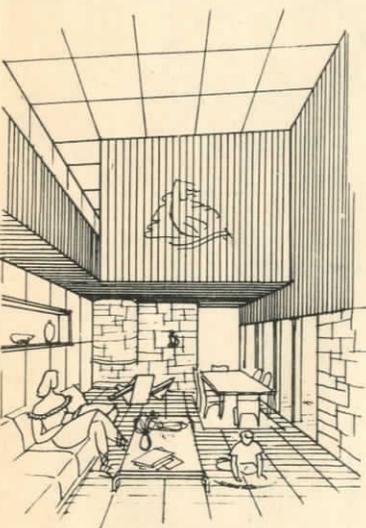
PLANTA DO R/C.



ÂNGULO DA MELHOR PERSPECTIVA

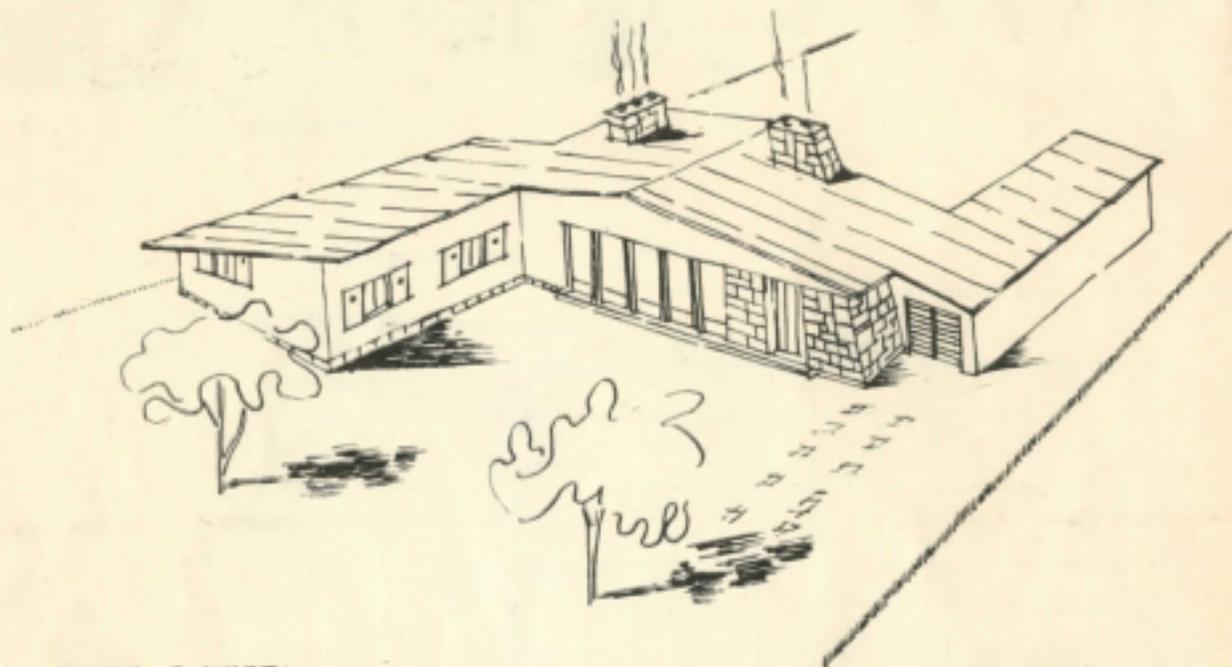


PORMENOR DE CONSTRUÇÃO

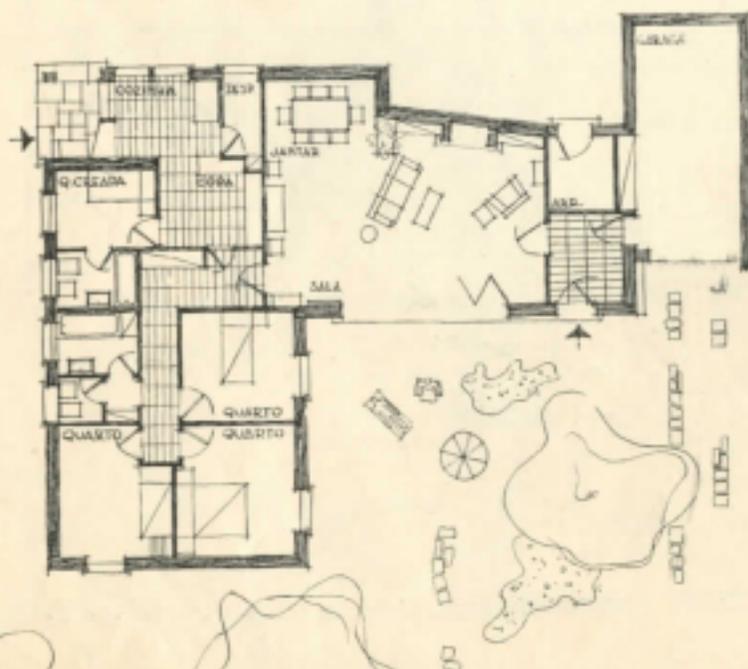


# MENÇÃO HONROSA

ARQUITECTO FORMOSINHO SANCHES

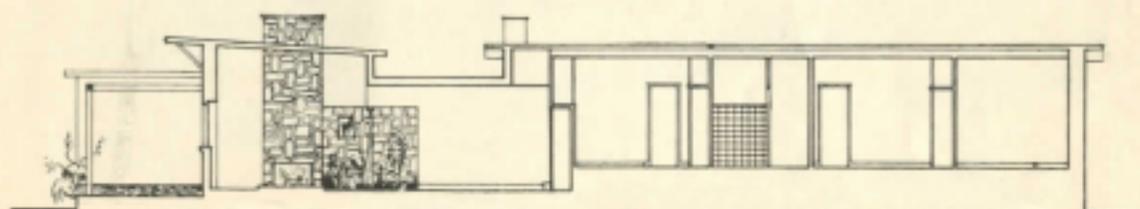
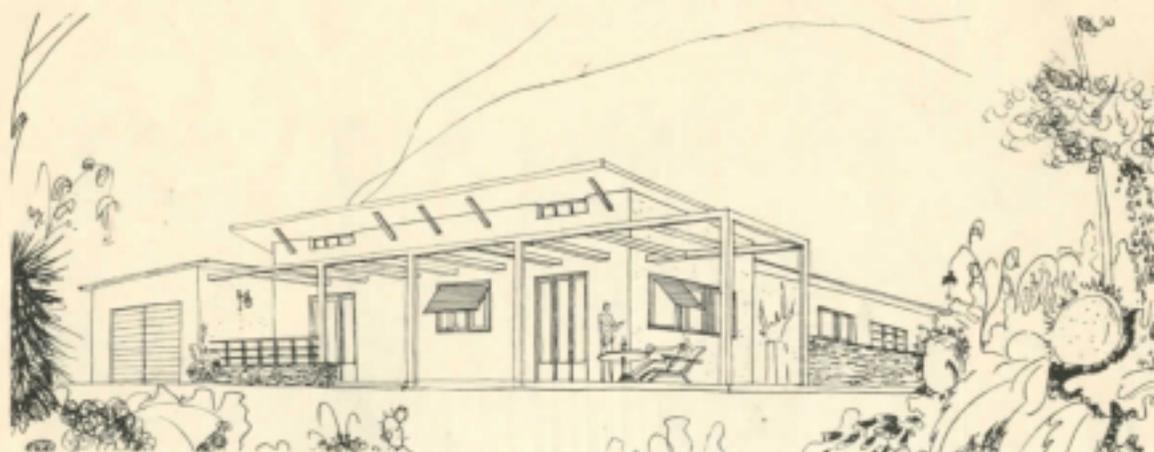


POMAR E HORTA

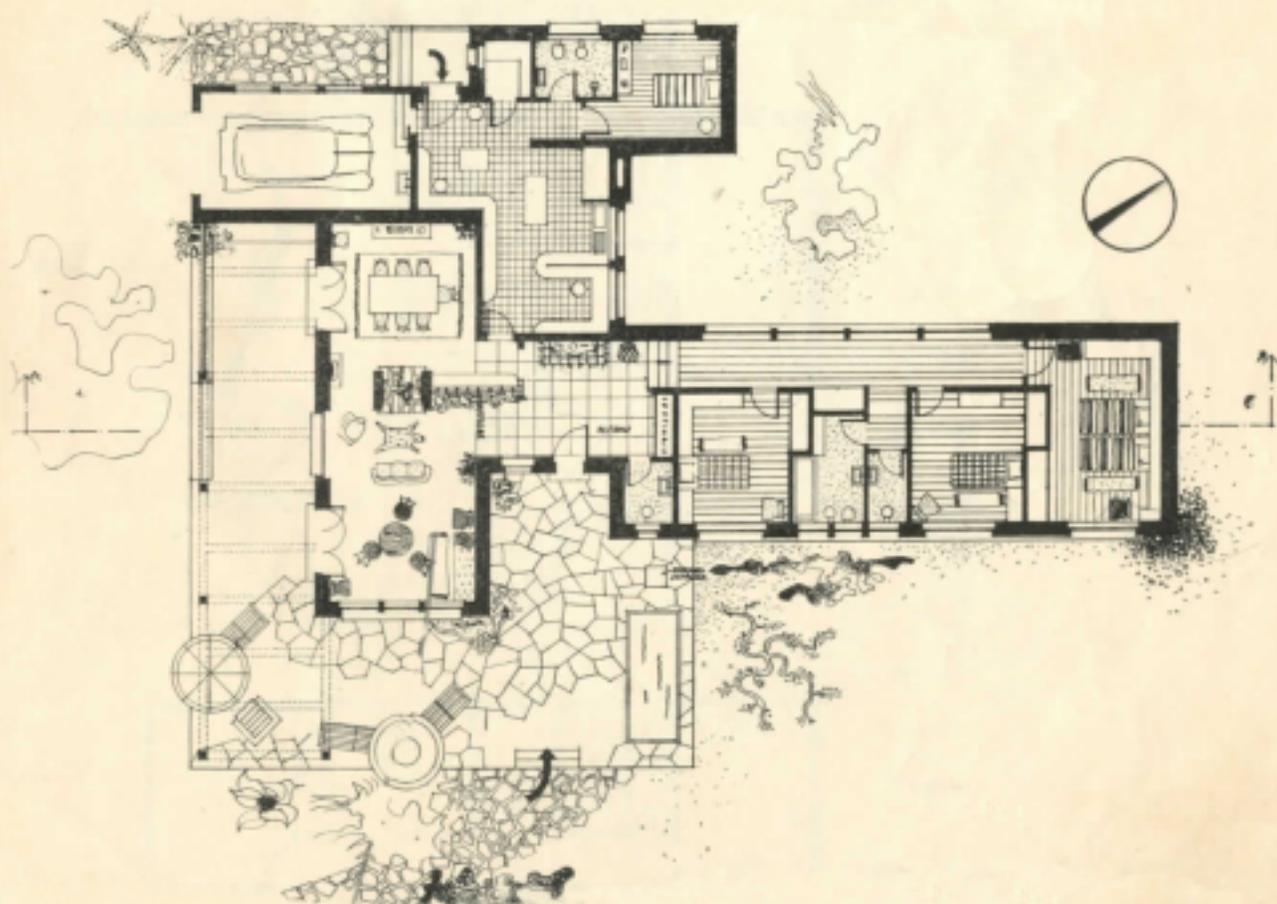


P L A N T A

# ARQUITECTO BENTO D'ALMEIDA

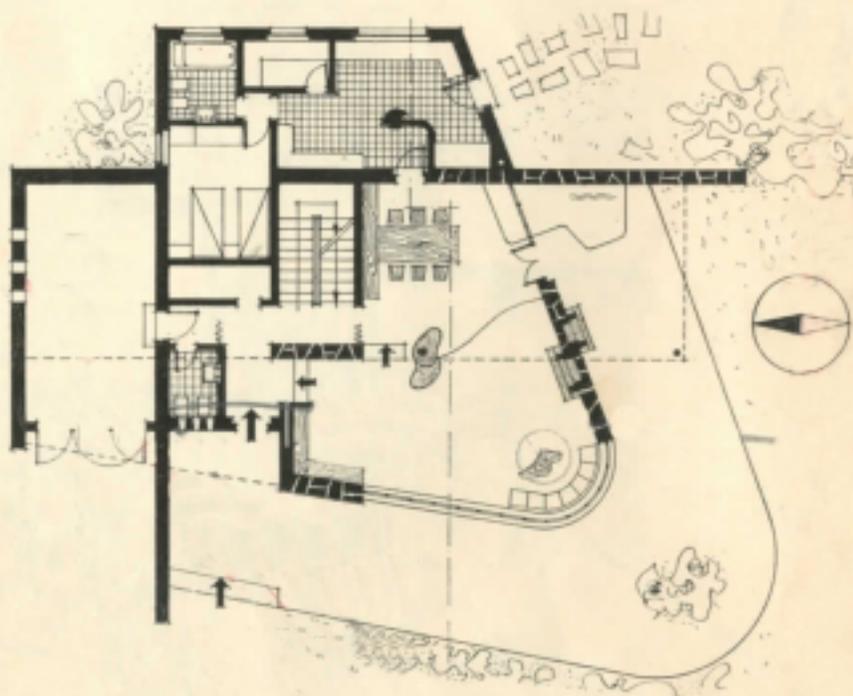
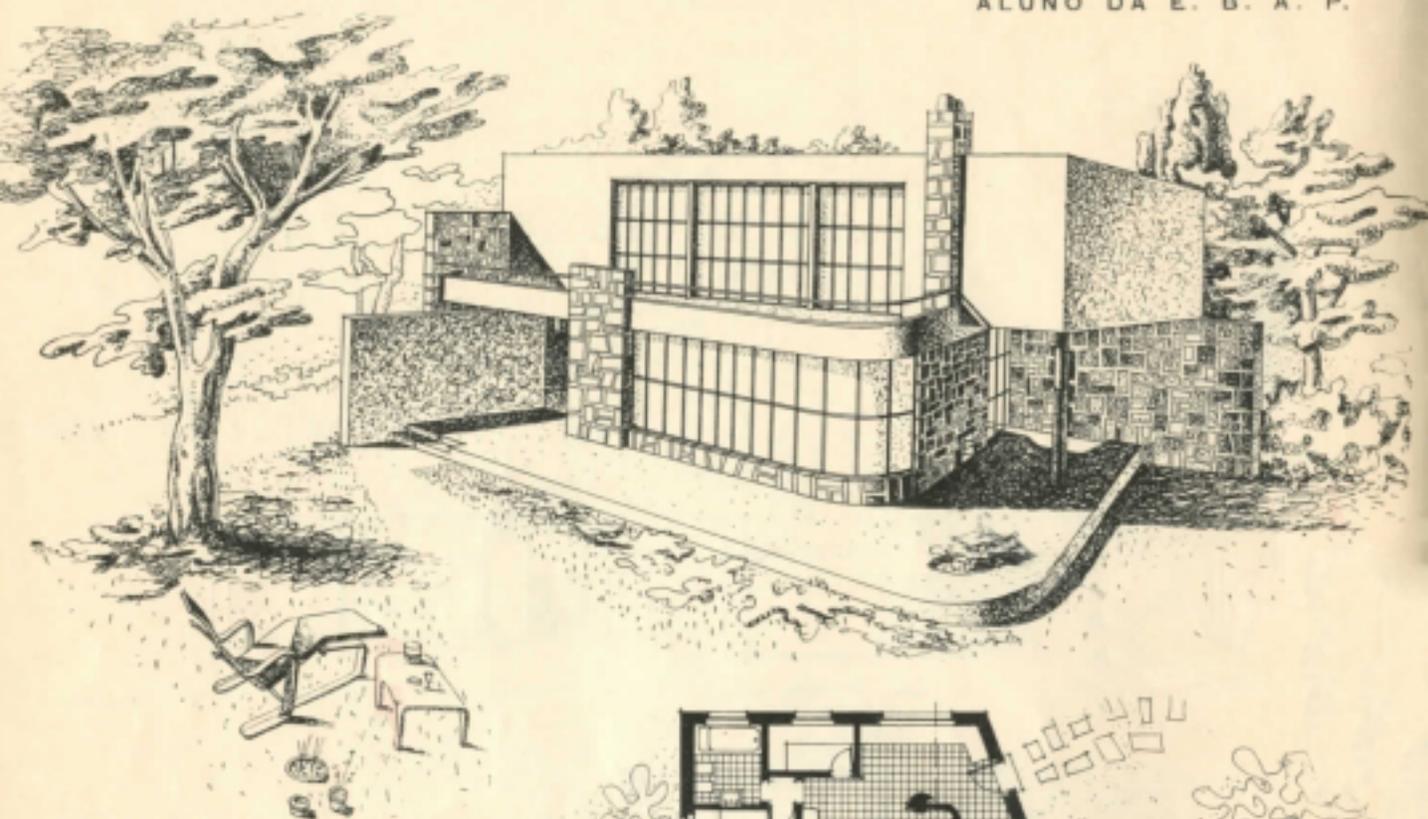


SECCO A.B.

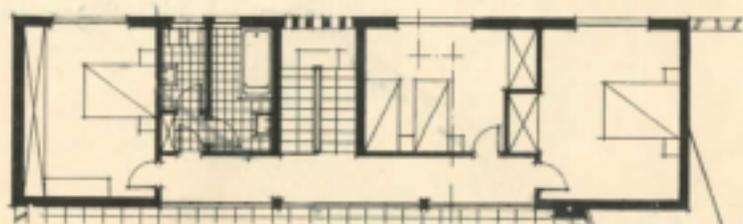


# J O R G E G A R I Z O D O C A R M O

ALUNO DA E. B. A. P.

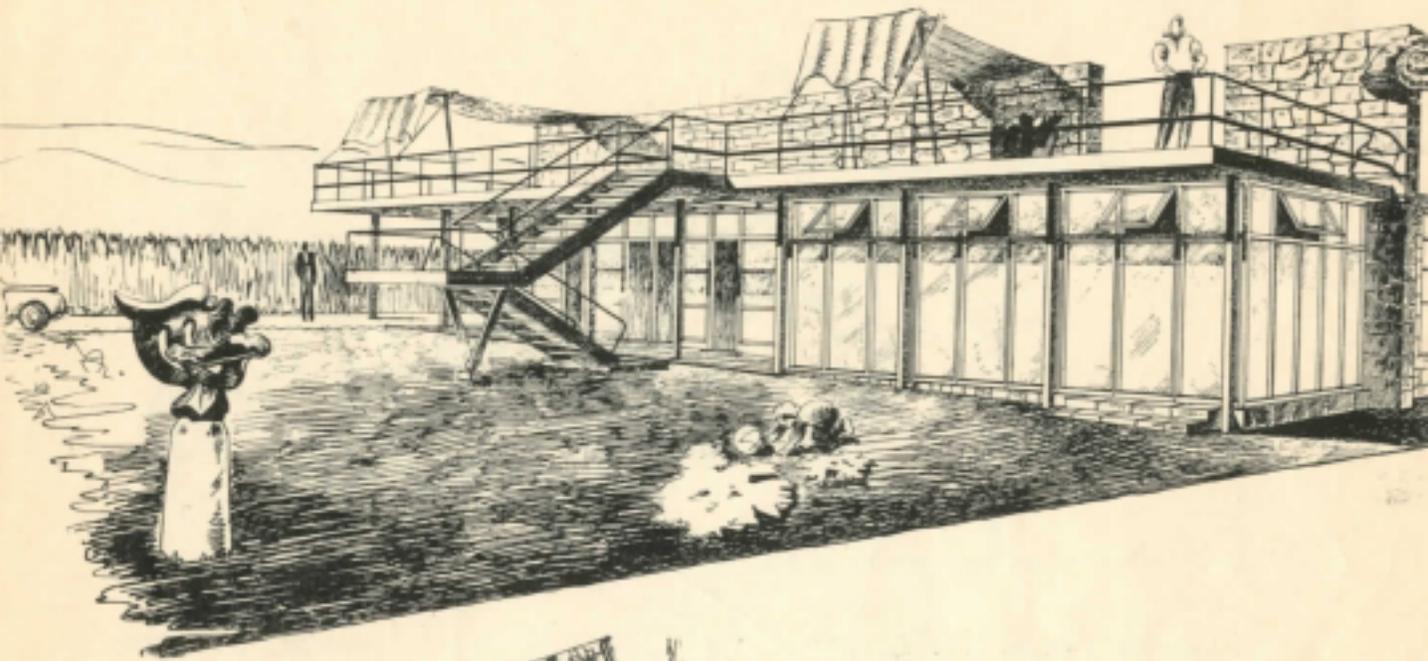


PLANTA DO R/C

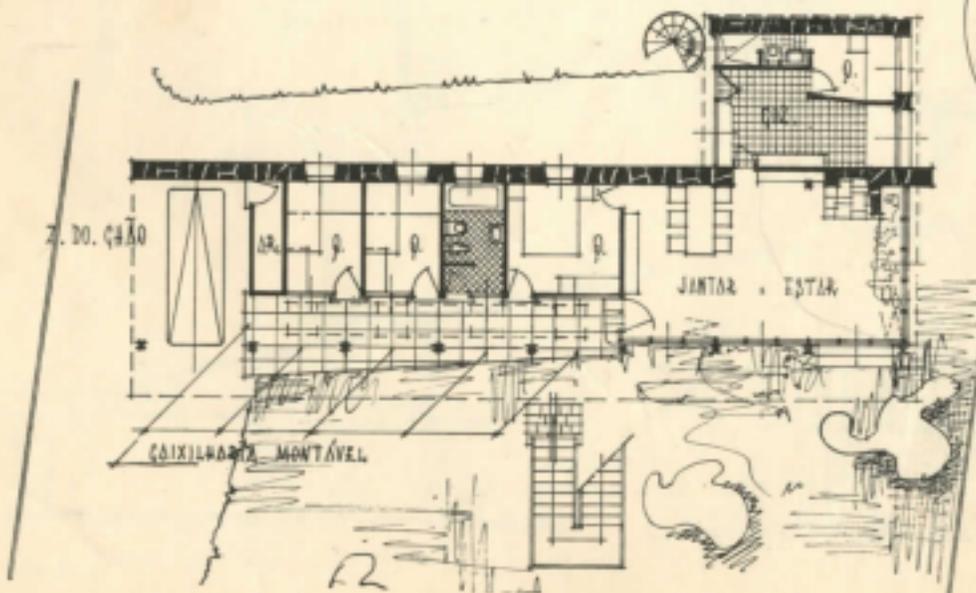
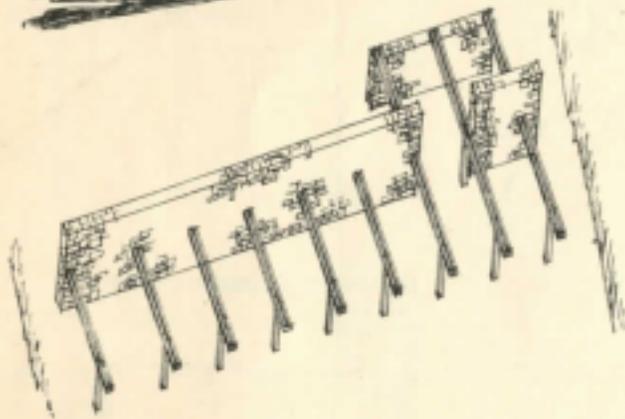


PLANTA DOS QUARTOS

# ARQUITECTOS CELESTINO CASTRO E HERCULANO NEVES

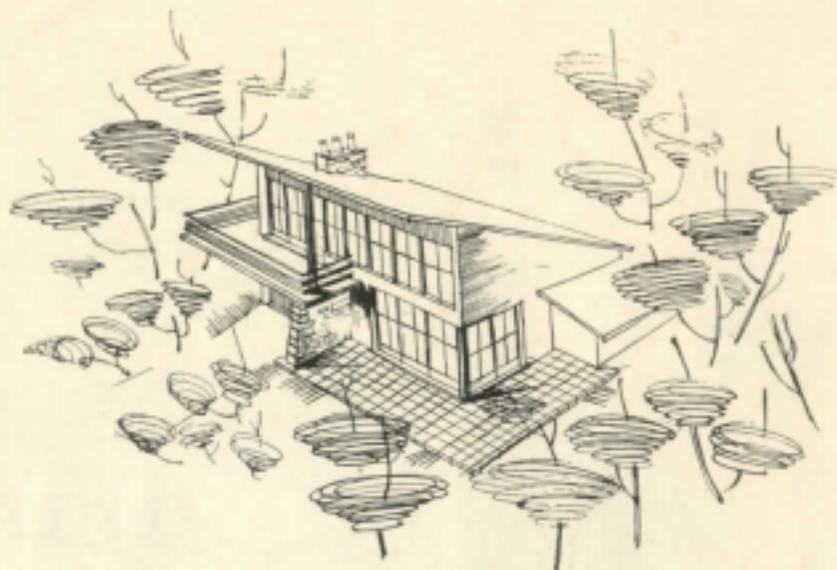


PRINCÍPIO ESTRUTURAL

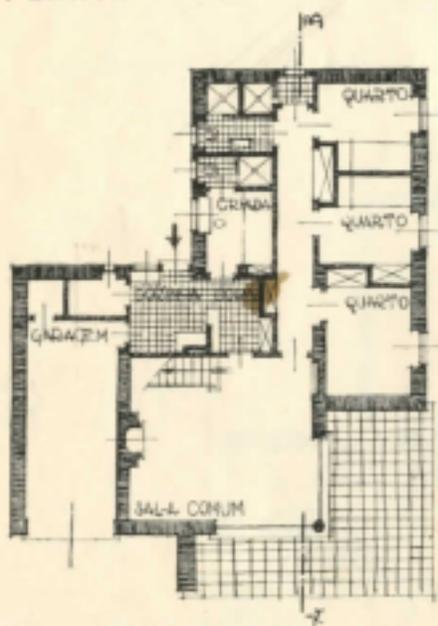


PLANTA

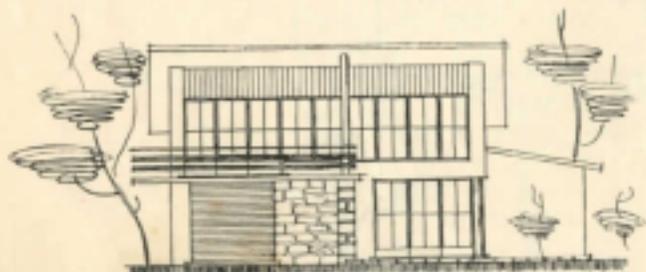
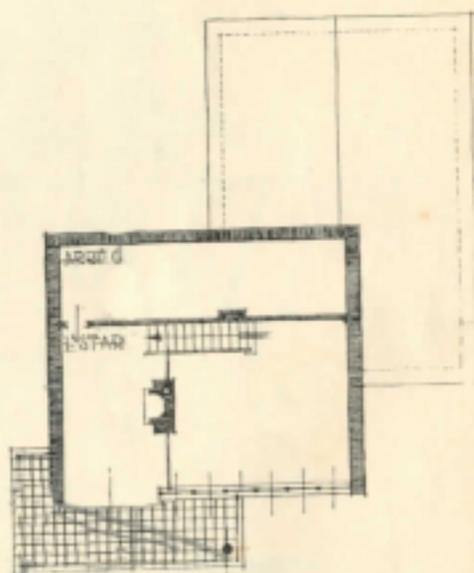
# ARQUITECTO JORGE CHAVES



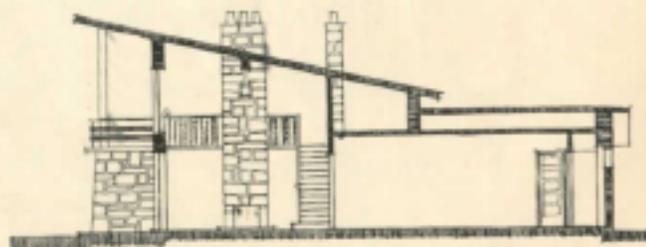
PLANTA DO R/C



PLANTA DO 2.º PISO

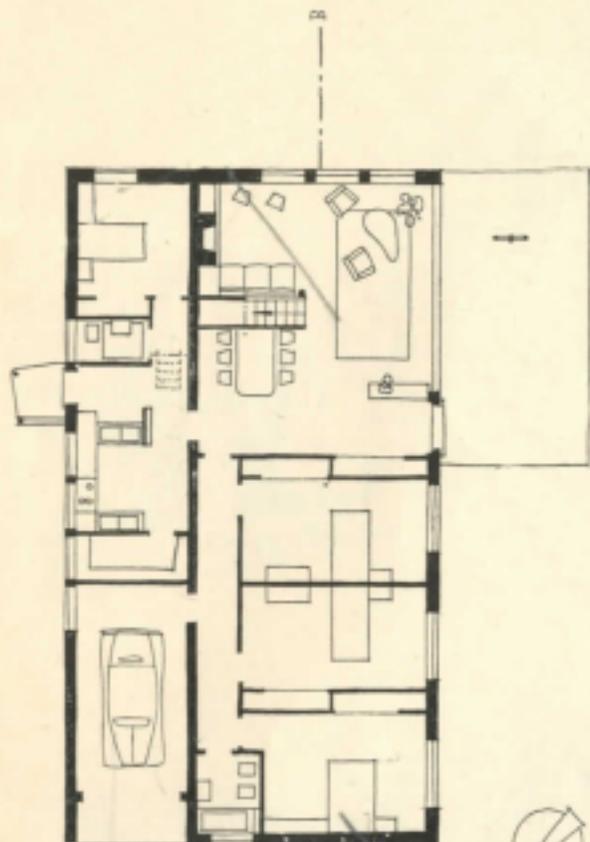


ALÇADO

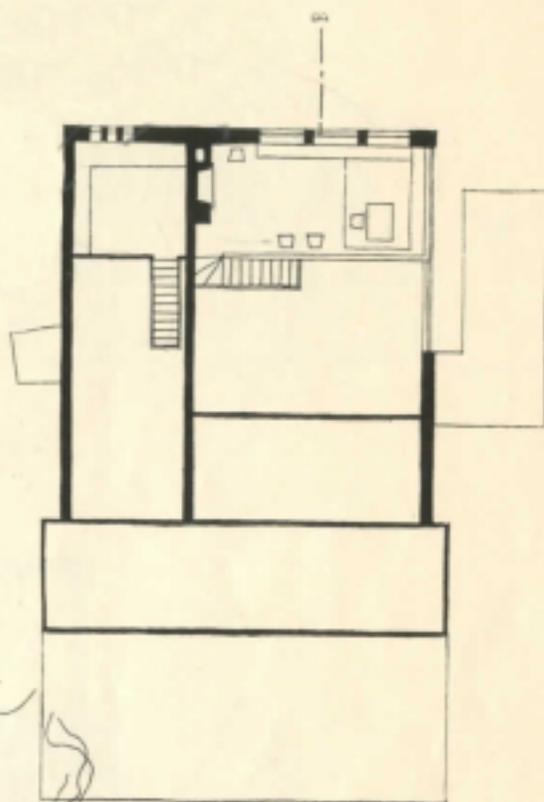


CORTE

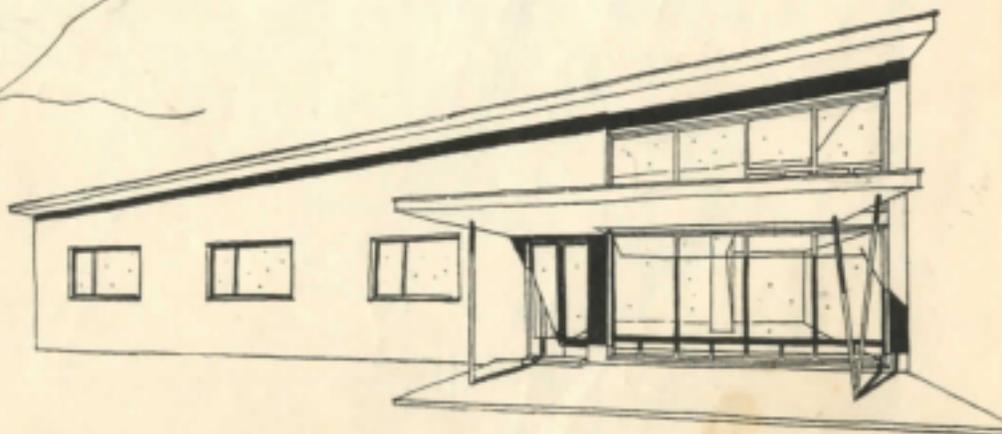
# ARQUITECTO FERNANDO LANHAS



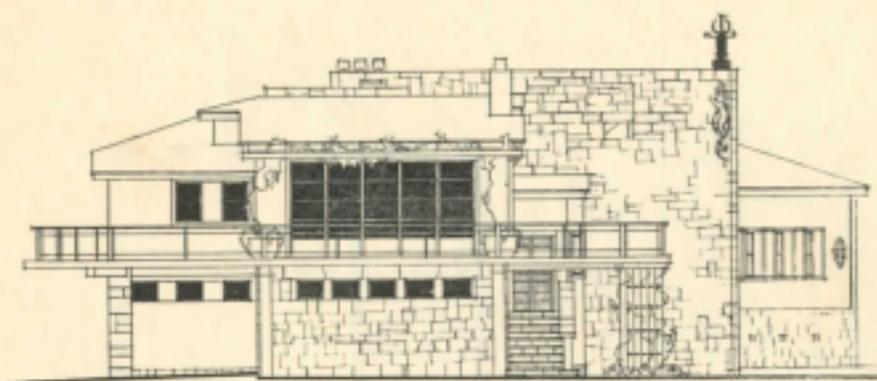
PLANTA DO R/C



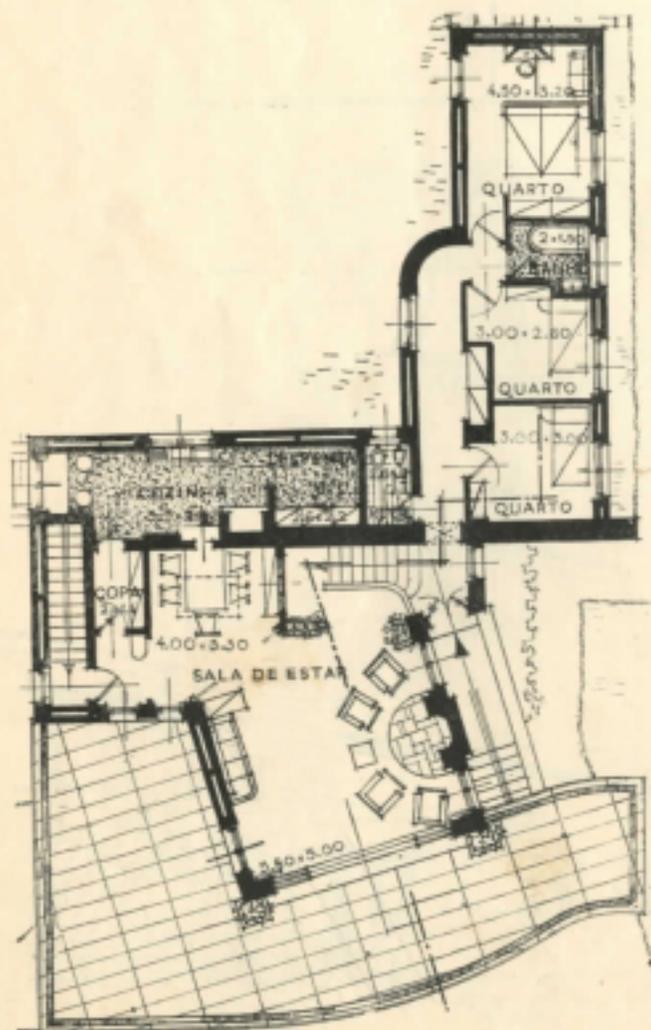
PLANTA DO 2.º PISO



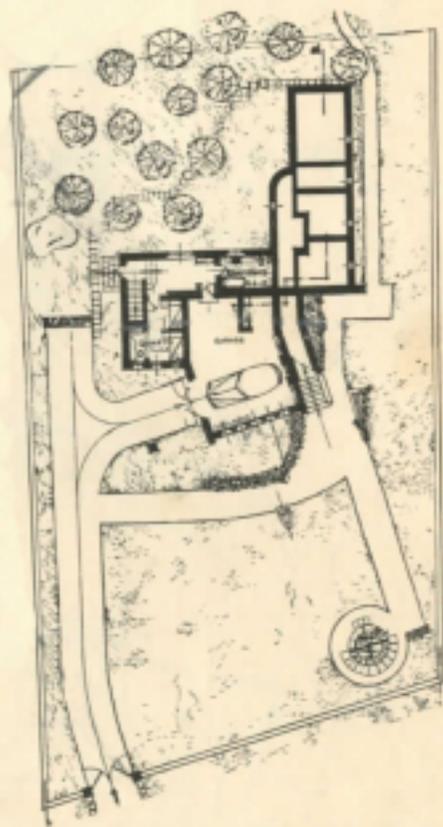
# ARQUITECTO JOSÉ HUERTAS LOBO



ALÇADO PRINCIPAL



PLANTA DO 2.º PISO

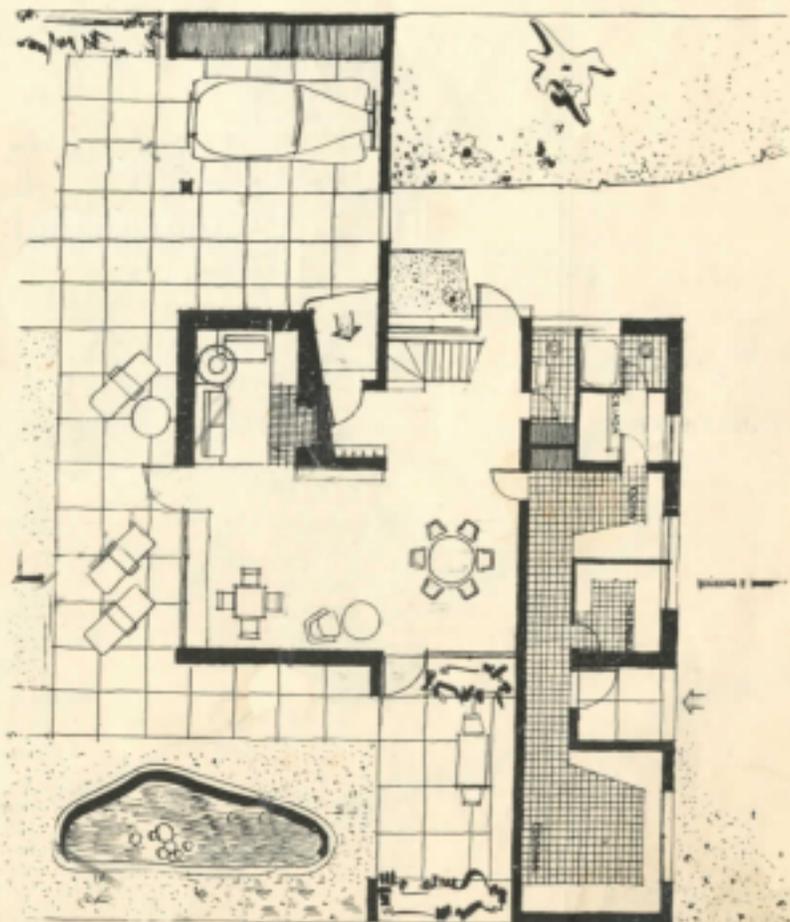


PISO TERREO

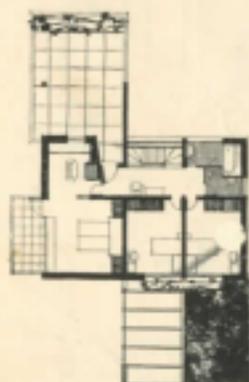
# ARQUITECTO MANUEL DA COSTA MARTINS



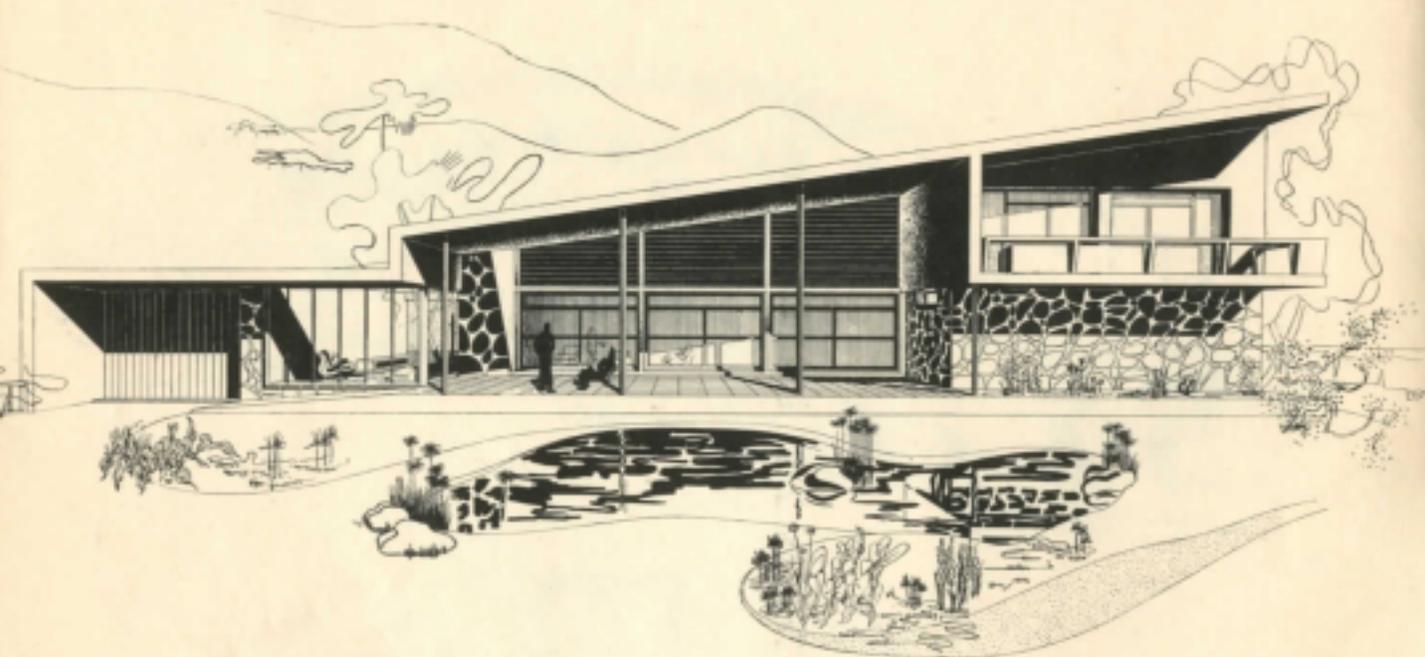
PLANTA DO R/C



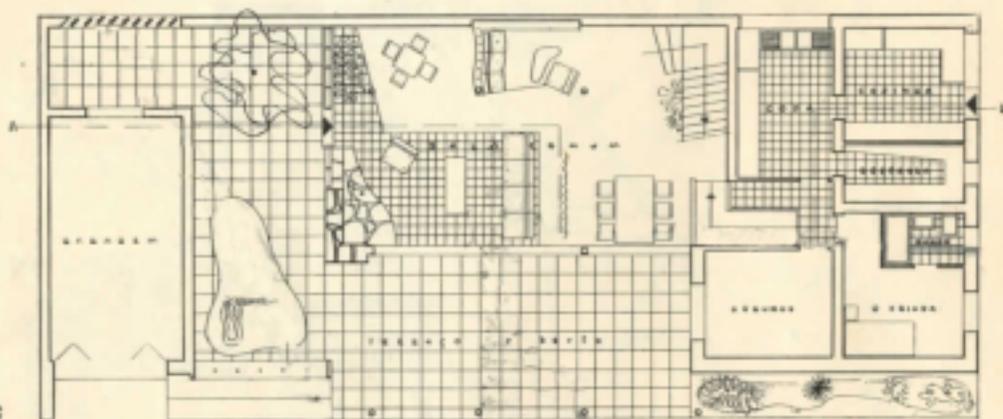
PLANTA DOS  
QUARTOS  
E.S.C. 1:500



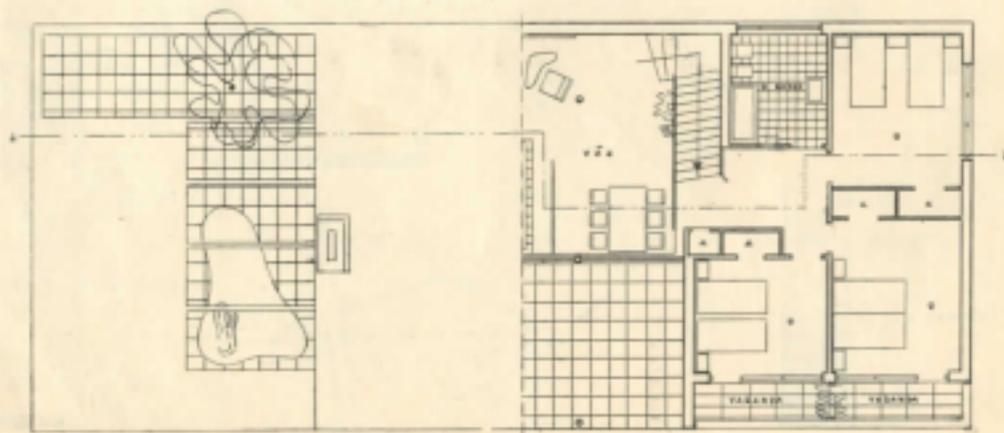
# ARQUITECTO ROGÉRIO MARTINS



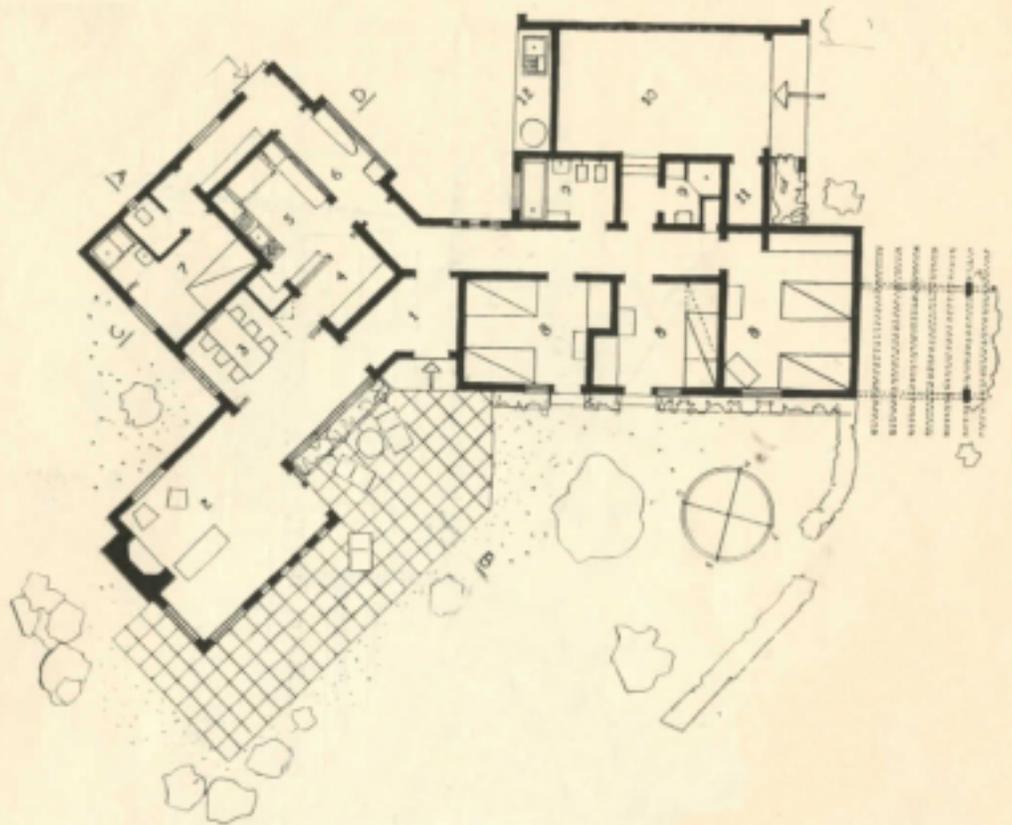
PLANTA DO R/C



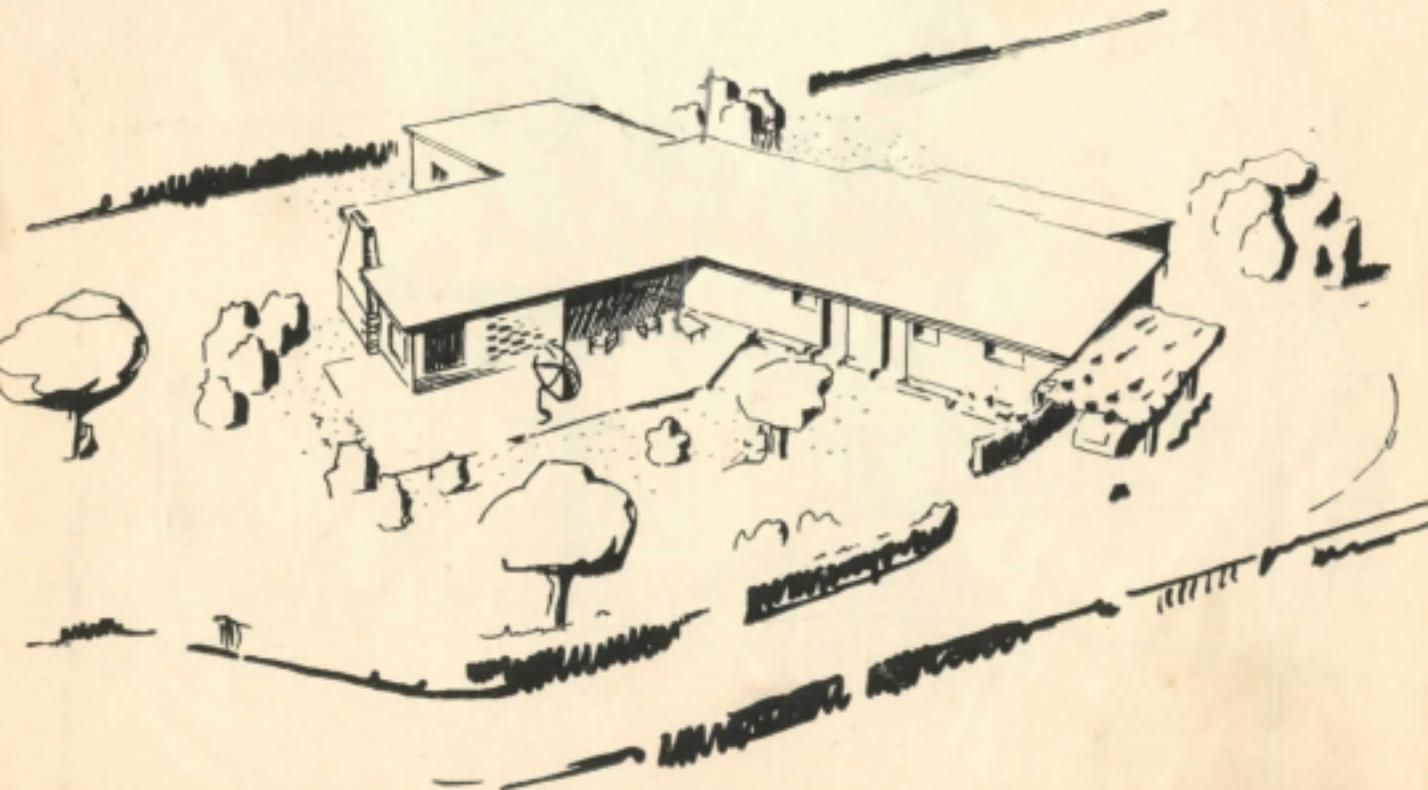
PLANTA DOS  
QUARTOS



# ARQUITECTO MANUEL ALZINA DE MENEZES

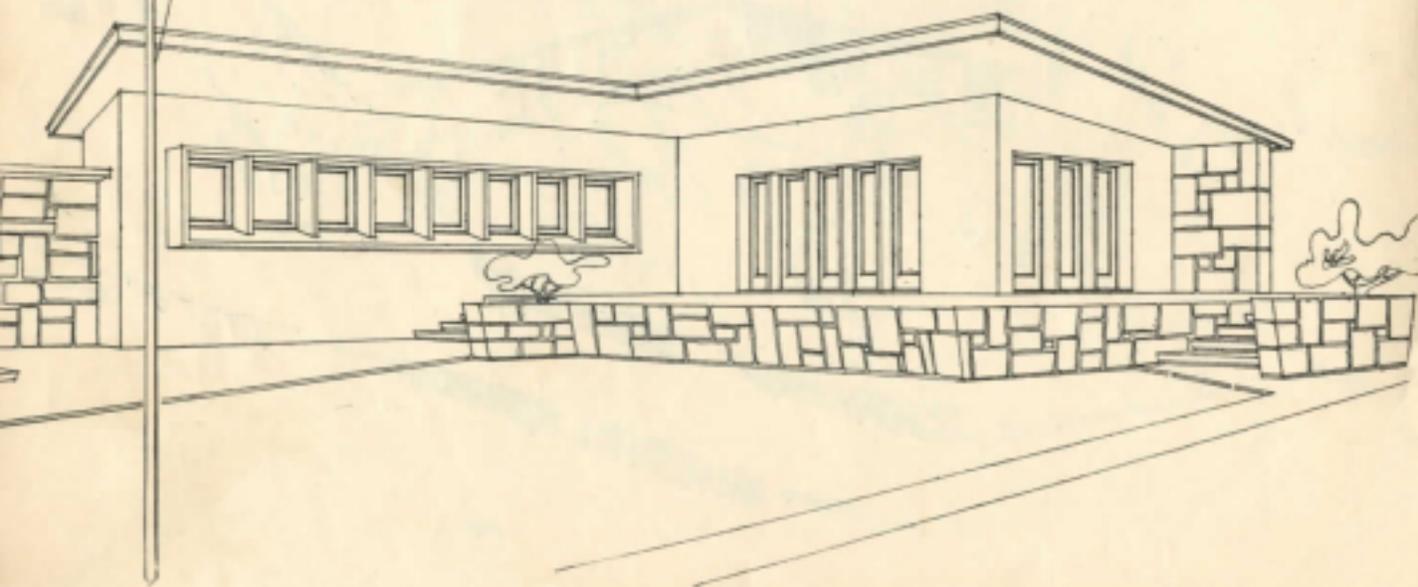
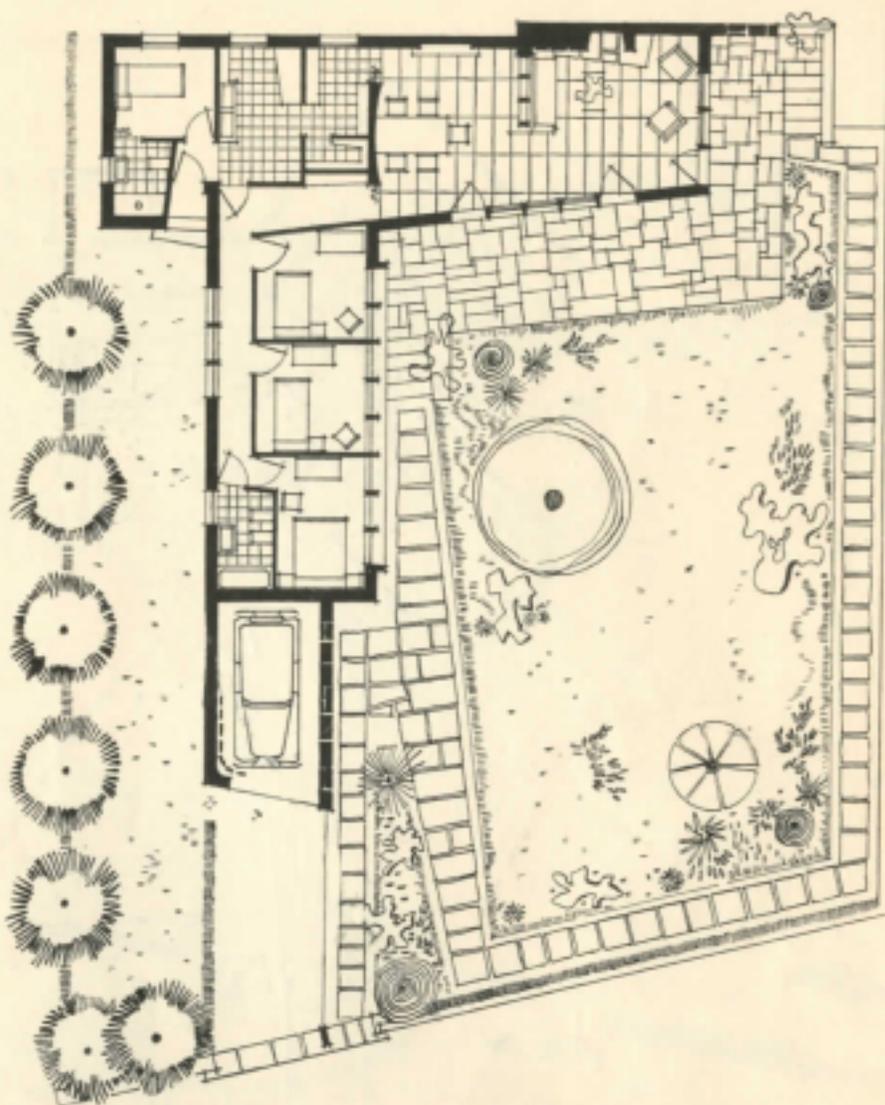


PLANTA



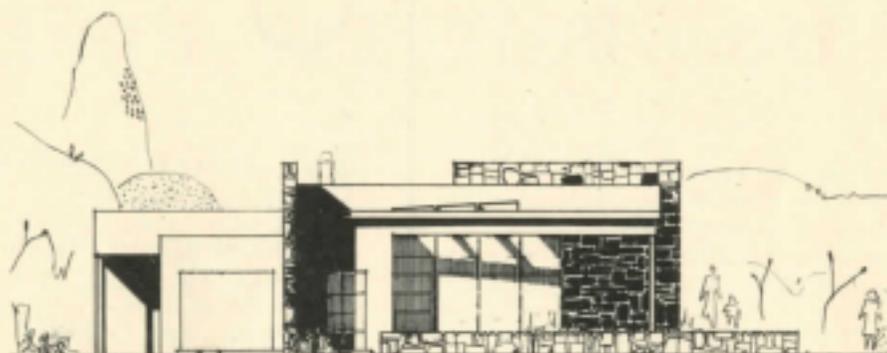
# ARQUITECTO FERNANDO PERES

P L A N T A

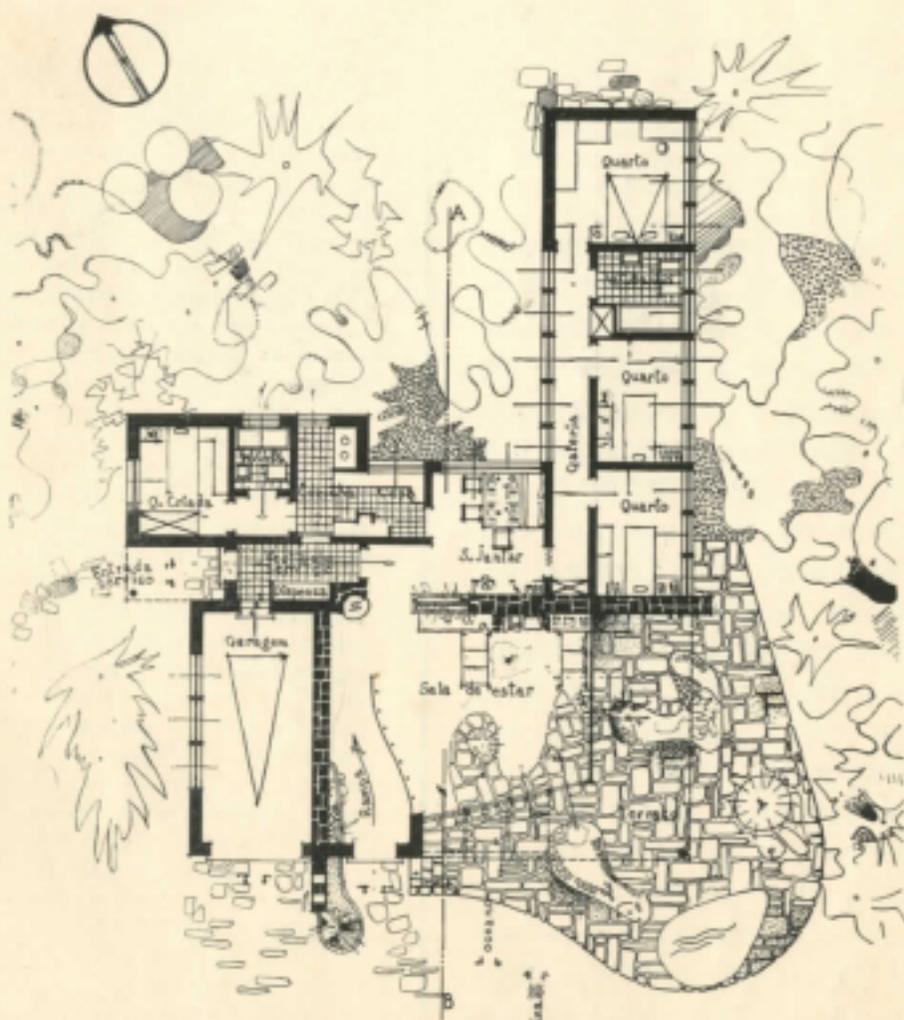


# FERNANDO E JORGE SÁ REIS

ALUNOS DA E. B. A. P.



ALÇADO PRINCIPAL - SUL



# 6

Que a época é de realizações, oiço dizer com frequência. E eu concordo...

Que a época é de dinamismo, de acção incessante e acelerada, acrescentam em seguida. E eu calo-me, fecho-me, para não largar quatro palavrões em louvor do tal neo-dinamismo-lusitano.

Conheço-o bem! Conhecemo-lo bem, nós outros, arquitectos. E temos acerca dele opiniões precisas, concretas: Não é uma virtude, é um biombo. Não é uma força, é um engano. Não é um elemento construtivo, é um factor de improvisações e deficiências. E porque são muitos e pesados os prejuizos que tem causado à arquitectura nacional não quero findar esta série de artigos sem lhe fazer referências.

Conceber e realizar uma obra de arquitectura, mormente quando se trata de um desses grandes e complexos edificios públicos modernos, é uma tarefa singularmente mais difícil e complicada do que, geralmente se supõe. O caso requer vastos conhecimentos, estudos, ponderação, meios e uma colaboração cada vez maior entre profissionais de várias especialidades.

Antes de mais nada é indispensavel um programa para o edificio que se pretende construir... um programa minucioso, completo, ponderado em todos os seus aspectos e pormenores, e é óbvio que tal programa só poderá ser elaborado por pessoas que conheçam muito bem o assunto em causa, assistidas por técnicos que as ajudem a traduzir esses conhecimentos em linguagem de arquitectura. Depois é preciso dar ao arquitecto ou arquitectos incumbidos de realizar o projecto o tempo suficiente para que os seus estudos atinjam a necessária maturação... para que se não vejam forçados a fazê-la de um jacto, sem calma, sem ouvir criticas e conselhos imprescindíveis, sem a possibilidade de refazer os estudos tantas vezes quantas sejam precisas para que fiquem bem. Depois ainda, é necessário que esses estudos sejam apreciados e julgados por quem tenha a competência, o bom senso e a largueza de vistas precisas para o fazer. Finalmente é indispensavel que os organismos que superintendem na realização da obra projectada, os técnicos seus autores e o construtor-empregado trabalhem em concerto, animados de um espirito de boa e leal colaboração. Só assim se trilhará o bom caminho.

Ora não é segredo que as coisas, correntemente, não se passam assim entre nós!

A falta de programas cuidadosamente elaborados e ponderados é de regra.

Quando o arquitecto os pede (e muitos já desistiram

## A MANIA DAS PRESSAS E O DINAMISMO, SEU FILHO DILECTO

de o fazer) a resposta é quase sempre deste tipo: «—Programa para uma escola de seis aulas? Bom, deixe-me ver: As seis aulas, é claro, um recreio coberto e umas retretes... o normal, enfim...» Ou então: «—O melhor é o Sr. arquitecto fazer um esboceto do edificio para se ver depois o que é que falta e o que está a mais...» Ou ainda, quando se insiste muito: «—Fale com o Fulano, ou com o Cicerano que eles devem poder dar-lhe alguns elementos». Tudo vago, armado no ar. Mas, qualquer que seja a resposta, é seguro que ouviremos em seguida: «—Só lhe peço que faça tudo para entregar o trabalho rapidamente. Temos imensa pressa. As obras até já deviam ter começado. Isso tem de estar pronto em tal data. Nem mais um dia. Não perca tempo». E como ficamos quasi sempre com a impressão de que tudo se pode perder nesta terra menos tempo, metemos mãos à obra, em ritmo acelerado, numa luta absurda com prazos absurdos e acabamos por entregar um ante-projecto mais ou menos atamancado, mais ou menos dentro do prazo estabelecido. Entregamo-lo e esperamos. Esperamos semanas, meses, anos até que queiram ou possam dispender as tres horas necessárias para apreciar e julgar o trabalho. Depois comunicam-nos que o ante-projecto foi aprovado, ou reprovado, em geral porque acharam as fachadas bonitas ou feias. Se a decisão foi favorável logo nos fazem sentir a necessidade de «andar depressa porque já se perdeu imenso tempo». «—Há que andar depressa meu caro arquitecto! O projecto tem que estar pronto em tal data. Mexa-se! Seja dinâmico!»

E porque se acentuou a impressão de que o essencial não é fazer bem feito, correcto, mas rápido, metemos outra vez mãos à obra, em ritmo acelerado, numa luta absurda com prazos absurdos e acabamos também por entregar um projecto mais ou menos atamancado, mais ou menos dentro do prazo que nos impuseram.

Começam as obras e logo surgem criticas e sugestões: Porque não previram isto e aquilo? Onde está a cantina para o pessoal? Onde é que os empregados mudam de fato? Como é que vai funcionar a sala do público, se não tem nem metade da área que devia ter? E é um nunca acabar de reparos, muitos deles perfeitamente justificados. Sem programa, sem uma análise critica profunda e segura, e trabalhando precipitadamente, não se pode fazer obra limpa.

Então vá de remediar os erros, se ainda é possível remediá-los...

São frequentes os casos de grandes edificios em que tiveram de ser feitas alterações e adaptações essenciais, antes de estarem concluidos! E mais frequentes ainda aqueles em que os novos edificios não permitem um bom rendimento dos serviços, por imprevidências de monta.

Ascendem a centenas de milhar de contos os prejuizos, se se quiser fazer as contas como deve ser. E são mais avultados ainda os prejuizos de outra ordem: A generalização do hábito de fazer arquitectura «contra relógio», sem estudos, sem atender a factores essenciais e ainda por cima sem responsabilidade, que a pressa tudo desculpa.

A quantidade tem primado sobre a qualidade. Muito e depressa, tem sido o lema e o dinamismo tornou-se uma espécie de epidemia, de que todos, mais ou menos, temos sido atacados.

Bem precisávamos desenvolver o nosso espirito de organização e habituarmo-nos a trabalhar metódicamente, com ponderação e calma, mas é precisamente o contrário que se fomenta e admira. E como a arquitectura nacional não se tem dado bem com tanto dinamismo, com tanta precipitação, não seria conveniente refrear esta verdadeira mania das pressas de que nos deixámos possuir?

Aqui termina esta série de artigos com que pretendi diagnosticar algumas das mais graves maleitas de que enferma a arquitectura nacional, com vista a facilitar-lhe um tratamento adequado. Procurei focar as deficiências mais generalizadas e de mais urgente tratamento, mas é óbvio que ficaram ainda à margem, sem critica, diversas outras. Seis curtos artigos numa revista de vulgarização não permitem análise completa de um problema de tamanho vulto. De resto nem sequer era minha intenção fazer essa análise.

Assim mesmo, porém, e ao que parece, valeu a pena. Opiniões que chegaram até mim acerca dos artigos publicados deixam-me supor que teriam interessado a certo número daquelas pessoas a quem interessa que estes assuntos interessassem. Algumas delas manifestaram-me, mesmo o desejo de tratar com maior desenvolvimento vários aspectos dos temas abordados. Oxalá o façam! Oxalá entrem na liça e tragam uma contribuição proveitosa ao esclarecimento destes problemas. Todos lucraremos. Mesmo que a nossa vaidade e o nosso amor-próprio nem sempre possam sair ilesos da conjuntura.

KEIL AMARAL

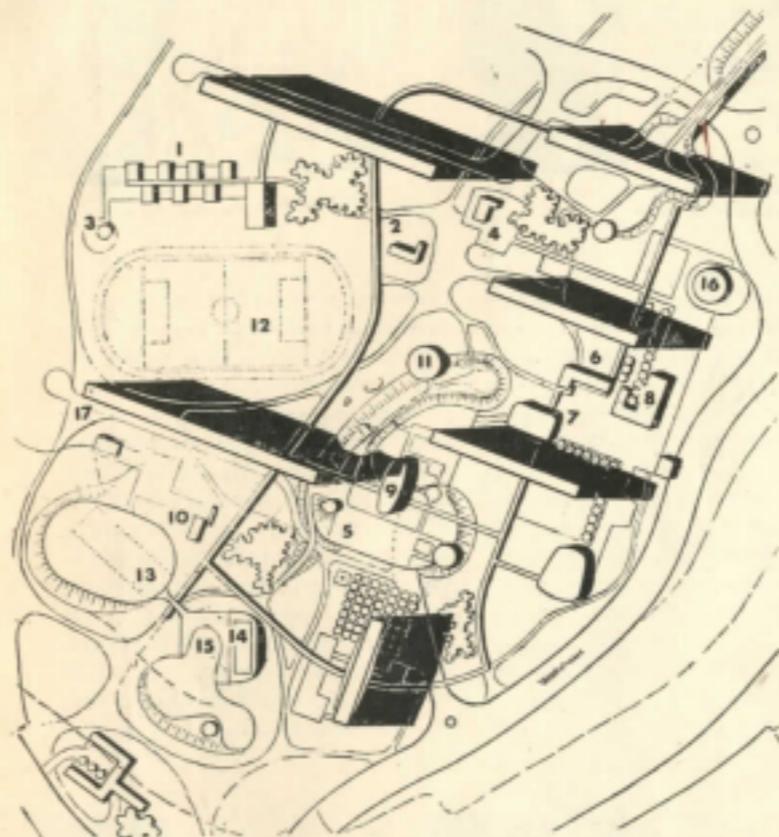
ESPERAMOS NUM DOS PRÓXIMOS NÚMEROS FAZER LARGA REFERENCIA A ESTE MEMORÁVEL CONGRESSO, REALIZADO EM LISBOA, EM JUNHO, COM A PRESENÇA DA QUASE TOTALIDADE DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES, REUNIDOS PELA PRIMEIRA VEZ EM TÃO GRANDE NÚMERO PARA DISCUTIR OS PROBLEMAS PRÓPRIOS DA CLASSE E ESCLARECER A FORMA DE ACTUAR, SEMPRE QUE A BOA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DE INTERESSE NACIONAL EXIJA A SUA INTERVENÇÃO. FORAM PROPOSTOS DOIS TEMAS, SOBRE OS QUAIS FORAM APRESENTADAS CERCA DE QUARENTA TESES: TEMA I, «A ARQUITECTURA NO PLANO NACIONAL»; TEMA II, «O PROBLEMA PORTUGUÊS DA HABITAÇÃO». AS TESES, BEM COMO AS CONCLUSÕES FINAIS FIGURAM NO LIVRO DO CONGRESSO, CUJA PUBLICAÇÃO SE ESPERA PARA BREVE



INTERNATIONAL NEWS PHOTOS

UNIDADE RESIDENCIAL

1. ESCOLA
2. ESCOLA MATERNAL
3. CRECHE
4. JARDIM INFANTIL
5. SERVIÇOS COMUNS
6. ADMINISTRAÇÃO
7. MERCADO COBERTO
8. CENTRO COMERCIAL
9. CASA COMUM



## O PLANO DE RECONSTRUÇÃO DE MOGÚNCIA

O estudo do plano de reconstrução da cidade de Mogúncia (Alemanha) está a ser levado a cabo por um grupo de jovens arquitectos alemães e franceses, chefiado pelo conhecido arquitecto-urbanista francês Marcel Lods, com a assistência da arquitecta sueca Elsa Sundling e do arquitecto alemão Bayer.

10. CASA DAS CRIANÇAS
11. CLUBES
12. CAMPO DE JOGOS
13. CAMPO DE RECREIO
14. PISCINA COBERTA
15. PISCINA AO AR LIVRE
16. RESTAURANTE COOPERATIVO
17. IMÓVEL DE HABITAÇÃO

FOTOS: EM CIMA, DUAS FASES DO TRABALHO DE 'ATELIER' EM BAIXO, ESTUDO DA INSOLAÇÃO SOBRE 'MAQUETTE'



# NOTAS PELO ARQUITECTO MARCEL LODS

DE L'ARCHITECTURE D'AUJOUR D'HUI

O plano de Mogúncia é uma aplicação, tão completa quanto possível dos princípios da Carta de Atenas.

- As densidades de habitação (400 a 450) estão exactamente de acordo com o modo de habitação, visto coincidirem com as necessidades deste aglomerado, levando em linha de conta as suas possibilidades de extensão, e apenas exigirem 6,5% da área para edifícios de habitação.

- A supressão do alinhamento das habitações ao longo das vias de comunicação e a implantação espaçada dos imóveis permitem uma insolação perfeita. Contou-se igualmente com a implantação racional de campos de jogos e de desporto para crianças e adultos.

- Prevêem-se 1.200 alojamentos para 5 a 6.000 habitantes numa área de 16 Ha. Os edifícios terão 10, 15, ou 20 andares.

- Estabeleceu-se um *zoning* que libertasse os sectores de habitação de toda a dependência dos sectores industriais. Estes serão implantados em terrenos: a) de pequeno valor agrícola; b) situados a sotavento da cidade; c) em contacto com as comunicações ferroviárias, marítimas, e rodoviárias.

- O artesanato ocupa, no interior da cidade, lugares nitidamente demarcados.

- Estudos rigorosos permitiram classificar as circulações, segundo a sua natureza, em função das velocidades. No interior dos quarteirões só há circulações para peões. Os veículos circulam em volta dos quarteirões e só podem penetrar neles a título excepcional e em circulação vigiada (bombeiros, enterros, ambulâncias, mudanças).

Os automóveis particulares recolhem a garagens situadas na periferia dos quarteirões. O habitante dirige-se a pé, das garagens até à entrada do seu bloco de «apartements», ao abrigo de circulações cobertas. Este percurso não excede 200 metros. Importantes zonas de verdura isolam as vias de grande circulação.



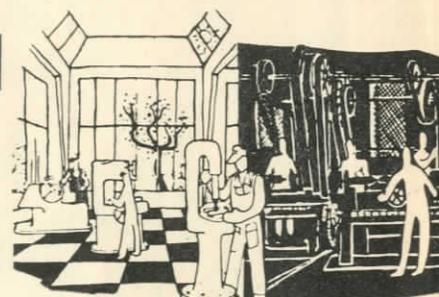
Les écoles en plein air...



\* La Ménagère libérée de l'esclavage domestique



\* groupement des boutiques dans les unités d'habitation



Amélioration des conditions de travail.

- Está assegurada a salvaguarda das expressões duma cultura que continua sendo uma das nossas riquezas. Os valores arquitectónicos de Mogúncia são conservados no seu conjunto, quer em blocos, quer rodeados de verdura para o caso dos edifícios isolados, quer em maciços com pátios interiores semeados de manchas de árvores, no conjunto da antiga cidade.

Não se admitiu o emprego dos «estilos» do passado sob pretexto de estética. Isso seria um contrassenso numa cidade nova e os processos de construção que eles impõem não

permitem resolver correctamente os problemas postos pela construção da cidade de amanhã. Não vemos por que razão os estilos do passado, — cada um dos quais foi na sua época uma *revolução*, exigida pelas condições da própria época — deverão ser preferidos ao que sai também duma revolução, a de hoje em dia, exigida pelas transformações que se produziram na nossa civilização. Se temos de adoptar um estilo (se neste caso esta expressão significa na verdade alguma coisa) escolhamos o de 1947, que não tem razão alguma para ser inferior aos outros.



La Jeunesse et les loisirs...



\* Séparation des autos et des piétons \*



\* JEUX \* ...cugenième...



LES CONDITIONS NATURELLES... soleil, espace, verdure...

# CONCURSO PARA O MONUMENTO A DIOGÃO

Pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em representação do Clube Transmontano de Angola, foi em Março passado aberto concurso para a apresentação de projectos de um monumento a erigir a Diogo Cão na cidade de Luanda. As bases do concurso exigiam, além do projecto desenhado à escala de 1:20 e da maquette à escala de 1:10, cálculos de resistência e estabilidade, medições pormenorizadas das obras, preços simples e compostos dos materiais utilizados, orçamento total incluindo as fundações, e uma proposta para a execução do monumento. O custo total deste não poderia ultrapassar 800.000,00. A planta de situação indicava que o monumento a construir no local devia destinar-se a ser visto do mar, mas a verba prevista não permitia largos voos.

A falta de fotografias e de outra documentação sobre o local e até de indicações concretas e precisas relativas à parte técnica e económica (natureza do terreno, preços de mão de obra e materiais locais) e indispensáveis aos cálculos de estabilidade e ao orçamento, não permitia que os concorrentes se apresentassem com o rigor que o espírito das bases do concurso exigia. E talvez, de facto, fosse afinal mais próprio dum concurso desta natureza o não passar das peças desenhadas e da maquette—sobretudo quando o prazo de entrega não excedia três meses. Talvez a esta excepcional exigência nas peças pedidas se deva o pouco elevado número de concorrentes.

O júri foi constituído, segundo condições do concurso, por representantes de várias instituições oficiais, a saber:

Pela Comissão Executiva, o seu Presidente, Sr. Dr. João d'Almendra; pelo

Sindicato Nacional dos Arquitectos, os arquitectos Dário Vieira e Inácio Peres Fernandes; pela Sociedade Nacional de Belas Artes, os escultores Euclides Vaz, António da Rocha Correia e Vasco da Conceição; pela Academia Nacional das Belas Artes, o escultor João da Silva; pelo Museu Nacional de Arte Antiga, o Dr. João Couto; pela Escola de Belas Artes de Lisboa, o arquitecto Victor Piloto; e pela Academia Portuguesa de História, o Tenente Coronel Costa Veiga.

A presença, no júri, de três arquitectos e quatro escultores é de notar; nem sempre acontece, infelizmente, que os projectos e maquettes que escultores e arquitectos apresentam a concurso ou a qualquer entidade sejam julgados por homens do mesmo ofício. De notar e louvar é também a prontidão com que, dias após a entrega dos projectos, o júri se reuniu, deliberou, e tornou públicas as suas decisões, não tendo deixado de atribuir qualquer dos prémios estabelecidos. Foram estes os seguintes:

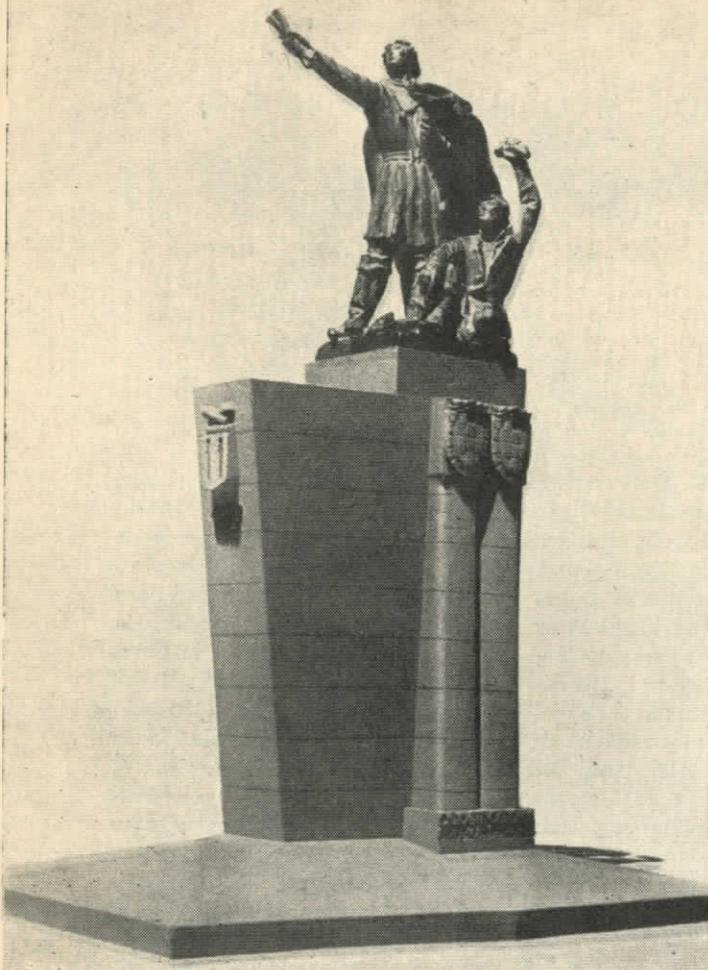
1.º — 15.000,500 — Arquitecto Filipe Nobre de Figueiredo e Escultor António Duarte.

2.º — 12.500,500 — Arquitectos Bento d'Almeida e Victor Palla e Escultor João Fragoso.

3.º — 7.500,500 — Arquitecto Fernando Teixeira e Escultor Manuel Pereira da Silva.

ARQUITECTURA publica fotografias das maquettes dos dois primeiros prémios, já que foi impossível consegui-las da do 3.º prémio. A primeira pedra para o monumento foi lançada em Agosto, em Luanda. O concurso punha como prazo total de construção 18 meses a contar da data da adjudicação do prémio.

# I.º PRÉMIO



ARQUITECTO: FILIPE NOBRE DE FIGUEIREDO  
ESCULTOR: ANTONIO DUARTE

A FORMA DO PEDESTAL DO MONUMENTO DÁ O SENTIDO DA DESCOBERTA, ATIRANDO-SE PARA A FRENTE COMO A PROA DUM BARCO. DE CADA LADO, DOIS PADRÕES ADOSSADOS SOBREPÕEM-SE A INSCRIÇÕES DOS NOMES DOS PRINCIPAIS PONTOS DESCOBERTOS. A PARTE ESCULTÓRICA É UM GRUPO: O NAVEGADOR, DE PÉ, CAPA AO VENTO, COM O BRAÇO DIREITO ESTENDIDO, SEGURA NA MÃO UM MAPA ENROLADO A SEU LADO UM HOMEM LEVANTA O GORRO DE MARINHEIRO. O PEDESTAL E A BASE SERÃO EXECUTADOS EM PEDRA ESCURA E AS FIGURAS FUNDIDAS EM BRONZE



## 2.º PRÉMIO

ARQUITECTOS: VICTOR PALLA E BENTO D'ALMEIDA  
ESCULTOR: JOÃO FRAGOSO



FUNDAMENTALMENTE O MONUMENTO COMPÕE-SE DE DUAS FORMAS SIMPLES: UM CILINDRO E UM CUBO. ESTE ÚLTIMO É O PEDESTAL DA FIGURA, COM A SIMPLES INSCRIÇÃO: DIOGO CÃO, NAVEGADOR PORTUGUÊS. O CILINDRO ESTILIZA O PADRÃO E NA SUA FACE ANTERIOR LÊ-SE UM VERSO DE CAMÕES QUE SERVE DE FUNDO À ESTÁTUA. ESTA REPRESENTA O NAVEGADOR COM A SUA ARMADURA, ENVERGADA QUANDO SE OFERECIAM DÚVIDAS SOBRE A RESISTÊNCIA INDÍGENA EM QUALQUER DESEMBARQUE OU QUANDO EM CUMPRIMENTO DE MISSÃO DE EMBAIXADA

# ASCORAL

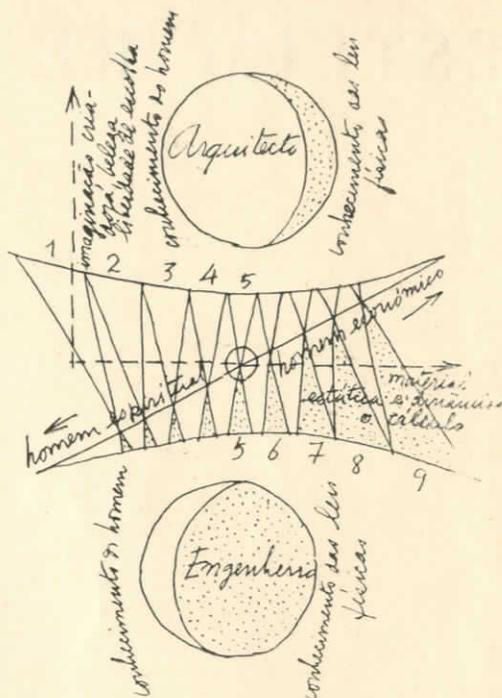
Durante os longos e amargos anos da ocupação, a França, ainda que prostrada, nunca cedeu em espírito aos conquistadores. Por detrás dos bastidores, os cientistas e os construtores iam estabelecendo planos para a reconstrução da França, fora dos moldes tradicionais, e duma forma compatível com o mundo de hoje. Na organização do trabalho deste grupo, uma das figuras predominantes foi Le Corbusier.

O trabalho de substituição das inumeráveis cidades, vilas e aldeias devastadas, tem sido levado a cabo por este grupo, metódicamente e dentro dum critério esclarecido, de forma que não se perpetuem as deficiências do mundo do *ante-guerra*. Com o propósito de preparar os esquemas a ser usados como planos directores, formou-se uma associação de arquitectos e engenheiros, cientistas, economistas, pedagogos, juristas, sociólogos e filósofos, «L'Assemblée de Constructeurs pour une Renovation Architecturale» vulgarmente designada por ASCORAL.

Para simbolizar este grupo como «Mestres Construtores», Le Corbusier criou uma insignia — um arranjo de dois círculos, um sobre o outro, separados por duas curvas horizontais, com o espaço entre as últimas atravessado por uma diagonal. Duma forma esquemática representa este emblema os dois tipos de mentalidades que devem cooperar no desenvolver da solução ao mesmo tempo prática e esteticamente satisfatória de cada problema.

O círculo superior representa o arquitecto, enquanto o inferior representa o engenheiro. Numa interpretação mais larga, com o arquitecto estão incluídas todas as outras categorias de especialistas que se dedicam ao estudo de um problema complexo cujo conhecimento se baseia acima de tudo no homem e suas necessidades, sendo tais classes os sociólogos, os filósofos, os pedagogos, etc., cuja actividade tem por objectivo realizar um produto que concorra para o conforto do homem, sirva as

UM GRUPO FRANCÊS DE RECONSTRUÇÃO



suas conveniências, e satisfaça a sua necessidade dum ambiente agradável para trabalhar e viver. Com o engenheiro, estão da mesma forma agrupados os cientistas e economistas cujos conhecimentos se baseiam em leis físicas, e cujo propósito é levar a cabo uma operação eficiente num traçado economicamente praticável. Estas duas esferas não são encaradas para trabalhar uma contra a outra, mas pelo contrário para operar em conjunto em graus variáveis com o fim de esclarecer a solução de qualquer problema. Os vários tipos de edifícios estão alinhados ao longo da escala horizontal, e à direita aqueles em que as considerações estéticas e os condicionamentos materiais predominam. Ao centro está a casa de habitação. A diagonal passando pelo centro é concebida como que composta por duas setas, a que aponta para a esquerda dirigida para o homem relacionado em primeiro lugar com as coisas do espírito, a que aponta para a direita dirigida para o homem relacionado com as necessidades económicas e materiais. Em todos os problemas, deve notar-se, há necessidade tanto da actividade do arquitecto como da do engenheiro.

Os triângulos acima e abaixo desta linha representam para cada tipo de

edifício a proporção em que as considerações estéticas e práticas determinam o traçado.

Desde que a fusão do «estético» e do «prático» está tão claramente expressa como propósito declarado do ASCORAL e de Le Corbusier, seu expoente máximo, isto, duma vez para sempre, deverá pôr fim aos conceitos errados que tem persistido há tantos anos acerca dos objectivos de Le Corbusier. Embora lhe seja geralmente atribuído o ter originado a frase de que a casa não deve ser mais do que um aglomerado de paredes nuas, com janelas e portas espaçadas de acordo com princípios científicos fixos, unicamente destinadas a conter as várias máquinas, utensílios e artigos de equipamento que nós nos habituámos a considerar como partes essenciais de qualquer edifício, Le Corbusier defende, pelo contrário, a ideia de que uma casa, para ser completamente satisfatória ao homem deve ser alguma coisa mais do que a soma das suas partes. Só respeitando as considerações estéticas isto pode ser levado a cabo; e se ele aplica regras a uma casa individual, torna-as extensivas a estudos mais amplos, a grupos de casas, a edifícios de todas as espécies, a comunidades e a cidades e regiões inteiras.

# ESTUDO DE PINTURA MURAL

C O N T I N U A Ç Ã O

**CAL.** — Tal como a encontramos no mercado, em pedra, consegue-se, como já vimos, pela calcinação a uma alta temperatura (800° a 1.000°) em fornos adequados, de pedra calcárea, em que o nosso país é fértil.

A cal divide-se em várias espécies quanto à percentagem de terras argilosas e siliciosas que contém: cal gorda, cal magra, cal hidráulica e cimento. Quanto mais silica contém mais rápida será a prêsã da argamassa. A cal gorda aumenta de volume, hidratando-se. A cal magra contém carbonato de magnésia que não diminui a força de coesão, e torna-a facilmente solúvel na água. O cimento é uma cal rica em silica que faz prêsã rapidamente em contacto com o ar e a água. A cal mais empregada na pintura a fresco é a cal gorda. Depois de hidratada ou extinta por imersão durante algum tempo em água, ou por aspersão, passamo-la por uma rêde metálica, a qual retém os pedaços, que, estando vitrificados não se apagaram. Consegue-se assim a cal boa para pintar a fresco e que pode conservar-se por anos coberta de água.

**AREIA.** — Pode provir da mina, do rio, da ribeira ou do mar. A que interessa à pintura a fresco é a da mina. A boa areia para o fresco deve ser siliciosa, isenta de argilas ou impurezas, o que se consegue facilmente lavando-a em água corrente. Convém passá-la na ciranda para se conseguirem grãos de tamanho igual. Ao apertar na mão deve ranger, tratando-se de areia siliciosa. Se a areia estiver suja impede a fabricação duma boa argamassa, não deixando a cal aderir aos grão de areia.

**ÁGUA** — A água a empregar nas argamassas deverá ser isenta de sais ferruginosos, sendo preferível, se possível fôr, o emprego de água das nascentes ou dos rios, às dos poços ou lagôas.

O traço das argamassas é variável consoante a camada de que se trata e ainda do aspecto que se espera obter da pintura.

1.<sup>a</sup> camada: — areia rugosa traço 1:3, espessura: 1 a 1,5 cm. pasta bastante fluida.

2.<sup>a</sup> camada: — areia de esboço traço: 1:2 a 3, espessura 1 a 1,5 cm., pasta menos fluida.

3.<sup>a</sup> camada: — areia fina, traço: 1:2 a 3, espessura 1 cm. (pode ser a camada final).

4.<sup>a</sup> camada: — areia fina traço: 1:1 espessura 0,3 a 0,5 cm.

Para a pintura em que convém tirar efeitos de fluidez semelhantes aos da aguarela, deve a última camada

de argamassa ser a n.º 3. Ao contrário, se se pretende tirar efeitos de matéria empastada utilizamos a camada n.º 4, obtendo-se uma matéria mais rica, mais «calenta», para empregar a expressão do alveno alentejano. Ainda poderemos juntar à argamassa, uniformemente distribuidos, pedaços de estopa ou pêlos de cabra que contribuirão para evitar o estalar da argamassa que vai receber a pintura. Evitar-se-á excesso de água no enduto que obriga a argamassa, quando da sua evaporação, a contrair-se demasiado, dando lugar à formação de gretas.

Todas as camadas devem ser aplicadas sucessivamente deixando as camadas antecedentes húmidas, a fim de nenhuma delas impedir a passagem da humidade até à superfície, necessária à formação da película calcárea, característica fundamental da pintura a fresco. Os antigos aconselhavam deixar repousar durante alguns dias as argamassas em lugar fresco, ao abrigo da humidade e da luz.

**CÔRES.** — Os pigmentos coloridos utilizáveis na pintura a fresco devem satisfazer às seguintes três condições:

1.º — Resistir à acção da cal.

2.º — Resistir à acção da luz.

3.º — Ser fixados mecânicamente pela cal.

O ensaio de resistência das côres à acção da cal consiste em juntar num reservatório uma porção de pigmento a experimentar, um pedaço de cal apagada e água. As transformações que a côr sofrer serão as semelhantes às que ela exprimentará na pintura.

A resistência à acção da luz pode medir-se comparando uma porção de pintura executada com o pigmento a experimentar sujeita à acção da luz, com outra porção de pintura desse mesmo pigmento que se conservou oculta da luz.

A terceira condição, a fixação mecânica do pigmento pela cal, só a prática do fresquista pode determinar. Há de facto côres que, por razões de afinidade física pouco conhecidas, são mais ou menos bem fixadas pela cal.

O azul ultramar era considerado por Ceninni como não podendo ser utilizado na pintura a fresco senão a têmpera. Outros empregaram-no no fresco com êxito. Actualmente o fresquista emprega-o ou rejeita-o, conforme o êxito do seu emprêgo, segundo a experiência pessoal.

Satisfazendo às condições acima mencionadas, podemos contar com as seguintes côres: terras ou óxidos

de ferro, que fornecem uma bela gama de amarelos, vermelhos e sombras, além da terra verde e violeta de Mars. O azul e o verde cobalto, além do verde esmeralda e o cádmium são côres que a indústria moderna nos oferece. O branco, apesar da série imensa de processos que a bibliografia antiga nos indica sobre a sua fabricação, não é mais que cal velha de alguns anos tornada em pasta.

O negro de carvão de carvalho é uma tinta preciosa que, misturada com o branco, nos dá uma gama infinda de cinzentos azulados, sobre os quais podemos estender grandes zonas de azul ultramar, doutra maneira impossíveis de dar.

E eis os pigmentos que, misturados com água, são eficientemente empregados na pintura a fresco.

Da aplicação das tintas nada diremos. Desde que o fresquista se integre nos princípios ditados pela própria matéria que trabalha, condição de todo e qualquer ramo de actividade plástica, o fresco admite toda a liberdade artística.

CONCLUSÕES. — Do estudo a que procedemos concluímos :

1.º O fresco é uma pintura eminentemente architectónica.

2.º É uma técnica de tradições milenárias, mas ainda hoje profundamente moderna.

SUGESTÕES TÉCNICAS. — Pesquisar no intuito de se conseguir retardar a prêsã do cimento que poderá de futuro, resolvida essa dificuldade, constituir, juntamente com a areia, um belo enduto para a pintura a fresco.

Se admitirmos como uma verdade architectónica o aligeiramento das paredes e a sua possível deslocação, ensaiar o emprego de suportes amovíveis adequados ao fresco, materiais leves com propriedades de absorção da humidade semelhantes às do teijolo, placas de fibra vegetal com aglutinante, aglomerados de cortiça e cimento, etc.

### TERCEIRA PARTE

## VELHAS PINTURAS MURAIS PORTUGUESAS

Quem, de Vila de Frades seguir pela estrada chamada de Vila Alva e, passados uns 800 metros, cortar à direita por um caminho de carros, entre olivedos e vinhas, deparará com umas estranhas ruínas, escondidas entre velhas oliveiras e figueiras bravas

Dão-lhe os camponeses de Vila de Frades o nome de «Casões de Santiago».

Trata-se do antiquíssimo mosteiro de S. Cucufate, da Ordem de S. Bento, fundado em tempo dos Visigodos. Da obra «Beneditina Lusitana», Tomo I, coordenada por Frei Leão de S. Tomaz, dedicada ao Grande Patriarca de S. Bento, (Coimbra, 1644), respigámos a seguinte notícia :

«... Sabemos que em tempo dos Godos, foy Mosteyro muy célebre, porque o prelado delle se intitulava Abbade dos Abbades, como se ve em hua carta que se acha em muitas partes escrita, copiada de hum original que dizem se achou no Vaticano, & começa assim. Abbas Abbatum de Sancto Cucufate mittimus ad te nostrum Legatum, etc.

O que denota ser o Prelado daquela casa superior de outras algumas Abbadias mais pequenas. E chama-se a villa que está junto do Convento, Villa de Frades, também mostra a grandeza do Mosteyro e ser a villa sua. Não sabemos ao certo o tempo em que foy edificado, mas vem-se ainda hoje notáveis ruínas delle,

como testifica Manoel Severim, digníssimo Chantre de Evora, nestas palavras de uma carta sua :

Poucos dias há que em hua jornada que fiz, rodeei algumas legoas, por ver as ruínas do Mosteyro de S. Cucufate, & he muito mayor cousa do que me tinham dito, porque não são ruínas subterraneas, mas, fabricas tão levantadas como as mayores Romanas, vem-se nelas barandas, torres, salas, & arcos tão altos como os das mayores naves, & por baixo há outras tantas casas com abobadas de argamaça antiga. A imagem do Santo levarão para a Igreja Matris de Villa de Frades, & em seu lugar pozerão hua de Santiago também de vulto a cavallo. Nas paredes contudo se vem pinturas antigas no habito de S. Bento, &c.»

É evidente não ser, a actual ermida de S. Tiago a qual se refere Manoel Severim, a primitiva igreja do convento. A planta das ruínas, que tive ocasião de levantar, com o tracejado representando os arcos entaipados que lá se encontram, denota claramente fazer a ermida parte duma casa de capítulo ou refeitório do primitivo mosteiro. As ruínas que se encontram a alguns metros dele correspondem seguramente à sua igreja.

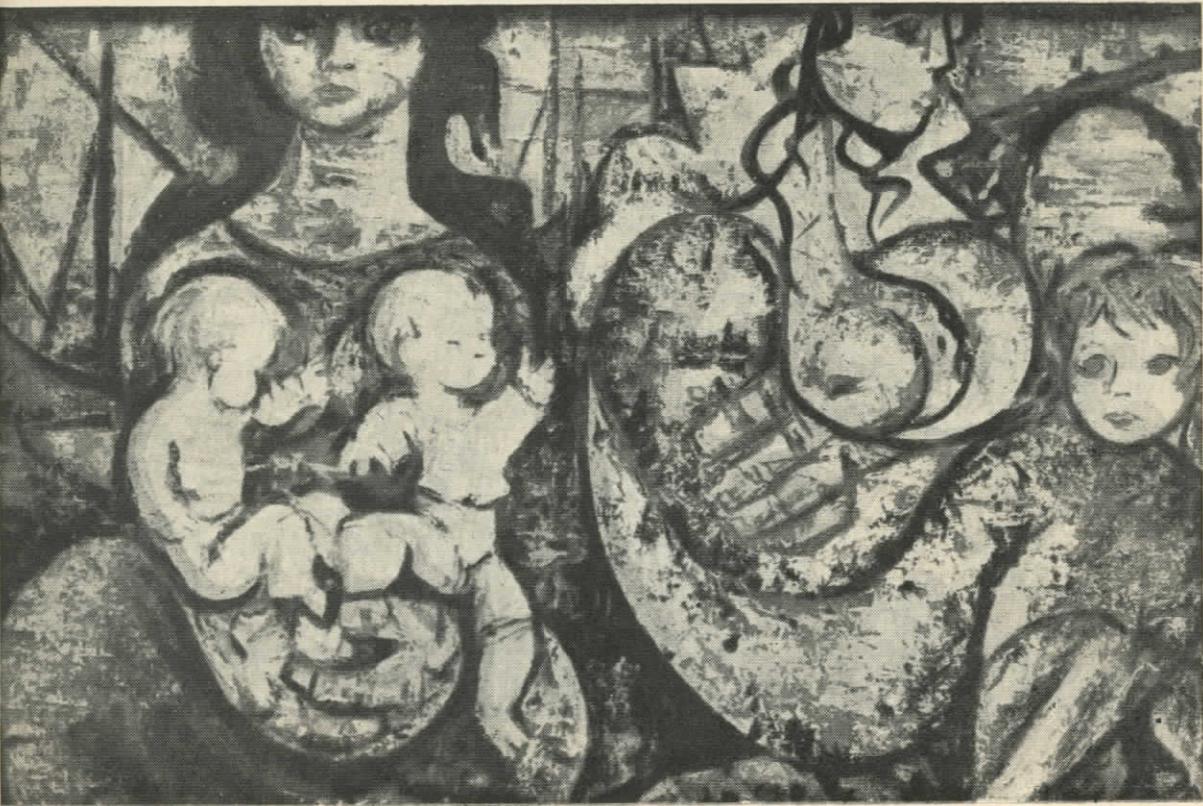
Não é em todo o caso a architectura do monumento que pretendo focar aqui, mas somente as pinturas que ornã abobadas e paredes da referida igreja de S. Tiago.

(Continua)



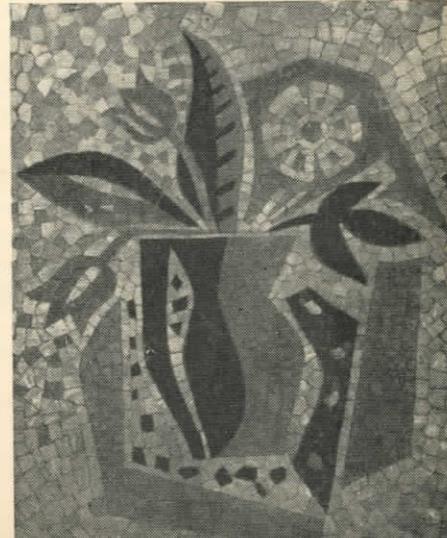
ARLINDO GONÇALVES DA ROCHA · ESCULTURA

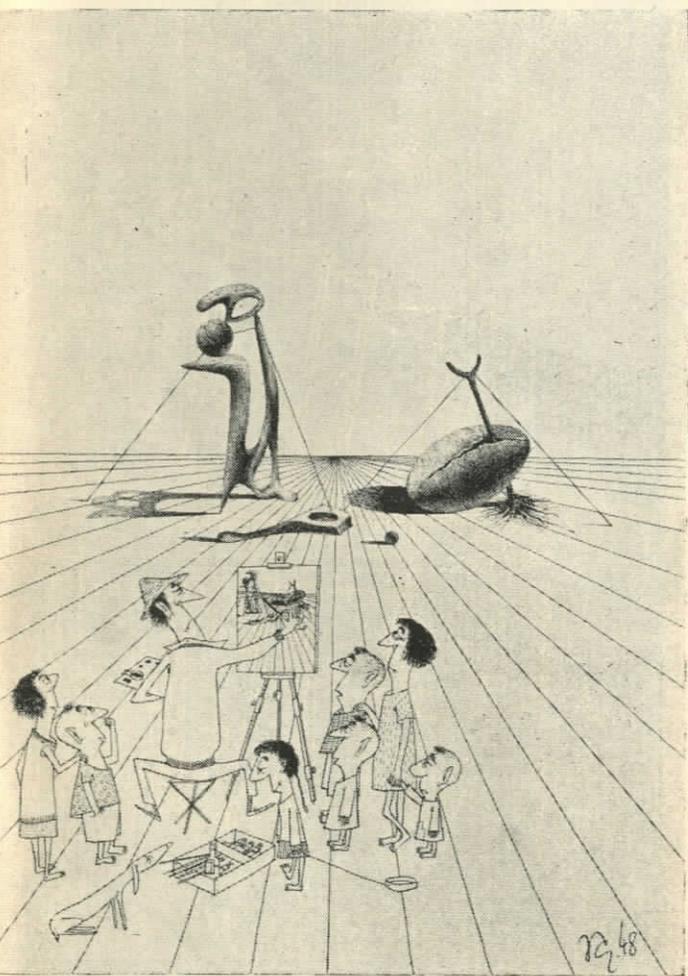
A  
III  
EXPOSIÇÃO  
GERAL  
DE  
ARTES  
PLÁSTICAS



JULIO POMAR  
OS GÊMEOS

A VARIEDADE DE INTERESSES REVELADOS NA TERCEIRA EXPOSIÇÃO GERAL DE ARTES PLÁSTICAS NÃO É UM SINTOMA DE DESACORDO, ANTES UMA DECLARAÇÃO DE QUE A ARTE DO NOSSO TEMPO PROCURA TODOS OS MEIOS PARA ALCANÇAR MAIS DO QUE O EMPREGO DE CERTAS CONVENÇÕES FÁCEIS E SEMPRE AS MESMAS. SE ALGUNS EXPOSITORES CHOCARAM AINDA UM PÚBLICO HABITUADO À LISONJA VISUAL DOS RODRIGUINHOS PLÁSTICOS, TANTO MELHOR. ACREDITAMOS QUE UMA EXPOSIÇÃO SÓ VALE A PENA QUANDO É UM DESAFIO À SENSIBILIDADE E À INTELIGÊNCIA

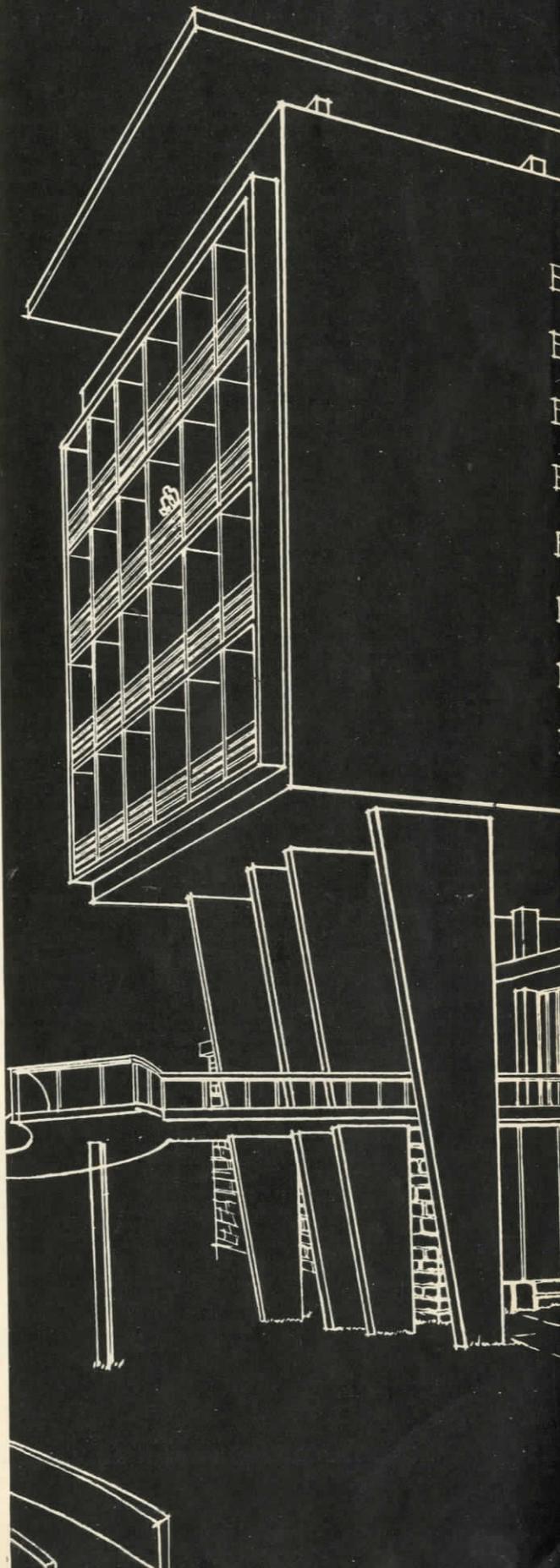
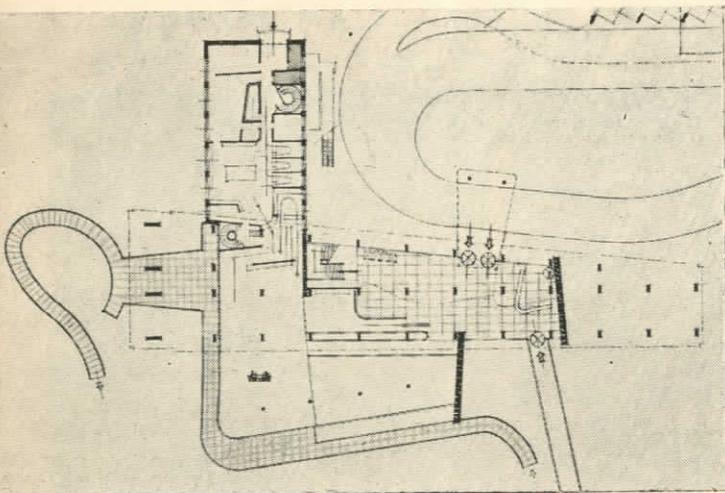




JOÃO ABEL • DESENHO • NA PÁGINA DA  
ESQUERDA, TRÊS MOSAICOS DE MARIA KEIL

TAMBÉM NA TERCEIRA  
EXPOSIÇÃO GERAL DE ARTES  
PLÁSTICAS SE MOSTROU  
QUE OS ARQUITECTOS NÃO  
CRÊM QUE A SOLUÇÃO  
DOS PROBLEMAS DA ARQUI-  
TECTURA ESTEJA NA  
PERPÉTUA REPETIÇÃO DUM  
ESTILO QUE SE PRETENDE  
SER PORTUGUÊS. VÁRIOS  
TRABALHOS APRESENTADOS  
NESTA EXPOSIÇÃO REVELAM  
UM DESEJO NÍTIDO  
DE ENCAMINHAR A SOLUÇÃO  
DESSES PROBLEMAS  
NUM SENTIDO QUE ESTEJA  
PERFEITAMENTE DE ACORDO  
COM AS CARACTERÍSTICAS  
E O IMENSO PROGRESSO  
TÉCNICO DA NOSSA ERA

ARQUITECTOS CELESTINO CASTRO E HERCULANO NEVES  
PLANTA E TRECHO DA PERSPECTIVA DUM HOTEL



# A CARTA DE ATENAS

CONTINUAÇÃO

*Quem teve a oportunidade de assistir ao 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, teve também ocasião de verificar não só a importância da publicação do grupo Francês C. I. A. M., mas também a maneira como tal importância foi reconhecida pelos Arquitectos portugueses, sobretudo aqueles para quem a Arquitectura é qualquer coisa mais do que — como a expressão de Vitruvius — uma questão de Arte...*

*Durante as últimas sessões deste notável congresso, as conclusões apresentadas e unânimesmente aprovadas, atestaram bem o excepçãoal valor desta obra e mostraram igualmente a oportunidade da sua divulgação.*

*Agora que se vai fazer a máxima publicidade das conclusões do memorável acontecimento nacional, vemos com satisfação, mais ainda, a oportunidade do trabalho que nos propozemos levar a bom termo.*

(NOTA DOS TRADUTORES)

## **17** O ALINHAMENTO TRADICIONAL DAS HABITAÇÕES À BEIRA DAS RUAS NÃO ASSEGURA A INSOLAÇÃO, SENÃO A UMA PARTE MÍNIMA DAS HABITAÇÕES.

O alinhamento tradicional dos imóveis ao longo das ruas acarreta um dispositivo forçado do volume construído. As ruas paralelas, ou oblíquas, recortando-se, desenham superfícies quadradas ou rectangulares, em trapézios ou em triângulos, com extensões diversas, que, uma vez edificadas, constituem os «blocos».

A necessidade de iluminar o centro destes blocos faz nascer os pátios interiores de dimensões variadas.

Os regulamentos camarários deixam desgraçadamente, aos pescadores de lucros, a liberdade de restringir esses pátios a dimensões verdadeiramente escandalosas.

Chega-se então a este resultado triste: uma fachada em cada quatro, dê ela para a rua ou para o pátio, está orientada ao norte e não conhece o sol, ao passo que as outras três, em consequência da estreiteza das ruas e dos pátios e da sombra projectada que disso resulta, na sua metade estão dele igualmente privadas.

A análise revela que, nas cidades, a proporção de fachadas não banhadas pelo sol varia entre a metade e os três quartos do conjunto. Em certos casos esta proporção é ainda mais desastrosa.

## **18** A DISTRIBUIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES PARA USO COLECTIVO DEPENDENTES DA HABITAÇÃO, É ARBITRÁRIA.

A habitação abriga a família, função que, só por si, constitui todo um programa e põe um problema cuja solução, outrora feliz por vezes, está hoje geralmente entregue ao acaso.

Mas, em redor da habitação e nas proximidades, a família reclama ainda a presença de instituições colectivas que sejam o seu verdadeiro prolongamento: centros de abastecimento, serviços médicos, crèches, escolas infantis, escolas, às quais há que juntar as organizações intelectuais e desportivas destinadas a proporcionar aos adolescentes a ocasião para trabalhos ou jogos destinados a satisfazer as aspirações particulares desta idade e, para completar os «organismos de saúde», os

terrenos próprios à cultura física e ao desporto cotidiano de cada qual.

O benefício destas instituições colectivas é certo, mas a sua necessidade está ainda mal sentida pelas massas e a sua realização, apenas esboçada, da maneira mais fragmentária e sem ligação com as necessidades gerais da habitação.

## **19** MUITO PARTICULARMENTE, AS ESCOLAS, ESTÃO COM FREQUÊNCIA SITUADAS SOBRE AS VIAS DE CIRCULAÇÃO E FICAM DEMASIADO AFASTADAS DAS HABITAÇÕES.

As escolas, ficando reservado todo o juízo sobre os seus programas e a sua disposição arquitectural, estão, em geral, mal situadas no interior do complexo urbano.

Muito longe da habitação, põem a criança em contacto com os perigos da rua. Além disso, não se lhes dispensa aí, a maior parte das vezes, senão a instrução propriamente dita, e a criança antes dos seis anos, assim como o adolescente depois dos treze, estão privados regularmente dos organismos pré-escolares que correspondam às necessidades mais imperiosas da sua idade.

O estado actual e a distribuição das propriedades já construídas prestam-se mal às inovações pelas quais a infância e a juventude sejam, não somente postas ao abrigo de numerosos perigos mas ainda colocadas naquelas condições únicas que permitem uma formação séria, capaz de lhes assegurar, ao lado da instrução, um pleno desenvolvimento não só físico como moral.

## **20** OS ARREDORES DA CIDADE ESTÃO ARRANJADOS SEM PLANO E SEM LIGAÇÃO NORMAL COM A CIDADE.

Os arredores das cidades são os descendentes degenerados dos burgos fora de portas. O burgo era outrora uma unidade organizada no interior de uma cintura militar. O falso burgo, adossado ao exterior, construído ao longo de uma via de acesso, desprovido de protecções, era o exutório das populações sobre-elevadas em número, que vinham de bom ou de mau grado, acautelar-se da sua insegurança.

Logo que uma nova cintura militar envolvesse um dia o falso burgo com o seu troço de estrada no seio da cidade, dava-se uma primeira torção à regra normal dos traçados.

A era do maquinismo caracterizou-se pelo arredor, terreno sem traçado definitivo onde se lançam todos os resíduos e onde se arriscam todas as tentativas, onde se instalam muitas vezes, com indústrias consideradas *à priori* provisórias, algumas das quais irão conhecer um gigantesco desenvolvimento, os artesanatos mais modestos. O arredor é o símbolo tanto do dejecto como da tentativa. É uma espécie de espuma batendo os muros da cidade.

No decurso dos séculos XIX e XX, esta espuma tornou-se maré, e depois inundaçãõ. Comprometeu seriamente o destino da cidade e as suas possibilidades de crescer segundo uma regra.

Sede de uma população indecisa, votada a numerosas misérias, borbotão da cultura das revoltas, o arredor é frequentemente, dez vezes, cem vezes mais extenso que a cidade. É este arredor doente, onde a função distância-tempo levanta uma pesada dúvida sem resposta, que alguns querem transformar em cidade-jardim. Paraíso ilusório, solução irracional.

O arredor é um erro urbanístico, espalhado por todo o universo, levado às suas consequências extremas na América; constitui um dos maiores males do século.

## 21 PROCUROU-SE INCORPORÁ-LOS NO DOMÍNIO ADMINISTRATIVO.

Demasiado tarde!

Os arredores da cidade foram incorporados muito tarde no domínio administrativo. Em toda a sua extensão, o código imprevidente deixou estabelecerem-se os direitos, por ele declarados imprescritíveis, da propriedade. O detentor de um terreno vago, onde ergueu qualquer barraca, armazém ou oficina, não pode ser expropriado sem dificuldades múltiplas.

A densidade da população é aí muito fraca e o solo pouco cultivado: a cidade, todavia, é obrigada a dotar a extensão dos arredores das necessárias utilidades: caminhos, canalizações, meios rápidos de comunicação, policia, iluminação e limpeza, serviços hospitalares e escolares, etc.

É chocante a desproporção entre as despesas ruinosas causadas por tantas obrigações e a fraca contribuição que pode trazer uma população dispersa.

No dia em que a Administração intervier para endireitar a situação, chocar-se-á com obstáculos insuperáveis e arruinar-se-á em vão.

É antes do aparecimento dos «arredores» que a Administração se deve apoderar da administração do solo que envolve a cidade, a fim de lhe assegurar os meios propícios a um desenvolvimento harmonioso.

## 22 NÃO SÃO MUITAS VEZES MAIS DO QUE UMA AGLOMERAÇÃO DE BARRACAS E A BOA MANUTENÇÃO INDISPENSÁVEL É DIFICILMENTE COMPENSADORA.

Casinhotos mal construídos, barracas de tábuas, armazéns onde se amalgamam de qualquer maneira os materiais mais imprevistos, domínio de «Zés Ninguém» sacudidos pelos remoinhos duma vida sem disciplina, eis o que são os arredores!

A sua fealdade e a sua tristeza são a vergonha da cidade que envolvem, e a sua miséria, que obriga a esbanjar os dinheiros públicos sem o contrapeso dos recursos fiscais suficientes, é um encargo esmagador para a colectividade.

Os arredores são a antecâmara sórdida das cidades; agarrados às grandes vias de acesso pelas suas vielas, tornam a circulação perigosa; vistos de avião, ostentam aos olhos menos advertidos a desordem e a incoerência da sua distribuição; atravessados em caminho de ferro, são uma penosa desilusão para o viajante a quem atraíra a reputação da cidade!

## É PRECISO EXIGIR



## 23 ... QUE OS BAIRROS DE HABITAÇÃO OCUPEM DE ORA-À-VANTE NO ESPAÇO URBANO, AS MELHORES LOCALIZAÇÕES, TIRANDO PARTIDO DA TOPOGRAFIA LEVANDO EM CONTA O CLIMA, DISPONDO DA EXPOSIÇÃO AO SOL MAIS FAVORÁVEL E DE SUPERFÍCIES VERDES OPORTUNAS.

As cidades, tais como existem hoje, são construídas em condições contrárias ao bem público e particular.

A história demonstra que a sua criação e o seu desenvolvimento tiveram razões profundas graduais no tempo e que elas não somente têm vindo a aumentar, como muitas vezes são renovadas no decurso dos séculos, e isso sobre o mesmo solo.

A era da máquina, modificando brutalmente certas condições centenárias, conduziu-as ao caos.

A nossa tarefa actualmente é arrancá-las à sua desordem por planos onde esteja previsto o escalonamento dos empreendimentos, no tempo.

O problema do alojamento — da habitação — supera todos os outros. Os melhores terrenos da cidade devem ser reservados; e se foram saqueados pela indiferença ou a cupidez, tudo deve ser posto em acção para recuperá-los.

Vários factores concorrem para o bem do alojamento. É preciso procurar, ao mesmo tempo, as mais belas vistas, o ar mais salubre, tendo em conta os ventos e os nevoeiros, as vertentes melhor expostas, e, enfim, utilizar as superfícies verdes existentes, criá-las se elas não existem, ou reconstituí-las se tiverem sido destruídas.

(Continua)

E. U. A. — **ÁLVAR AALTO** — O arquitecto Alvar Aalto, um dos maiores, senão o maior arquitecto finlandês da actualidade, foi nomeado professor do Instituto Tecnológico de Massachussets, nos E. U. A.

E. U. A. — **O COMITÉ DE ESTUDOS DO A. I. A.** — O Instituto Americano de Arquitectura organizou um comité de estudos para analisar a questão dos edificios públicos, sobretudo aqueles em que estão instalados os tribunais. O Instituto friza que a maior parte dos americanos tomam contacto com a lei em tribunais geralmente sombrios e sujos — de maneira nenhuma próprios para infundir no delinquente o sentimento da dignidade e justiça do governo. O comité não tenciona apresentar projectos-tipos, mas antes uma lista e análise das funções que deveriam ser comuns a muitos edificios em que estão instalados governos locais.

E. U. A. — **PICASSO** — Picasso ofereceu os seus serviços à comissão das Nações Unidas para colaborar na realização do projecto da sede a erguer em Nova York (ver N.º 21 de «Arquitectura»). Picasso gostaria de executar uma grande pintura mural. A comissão arquivou a oferta, juntamente com outras semelhantes, até que a construção esteja mais adiantada.

FRANÇA — **A OBRA DE RODIN** — No dia 29 de Maio último, foi inaugurado em Meudon, onde viveu e morreu Rodin, um museu onde está exposta uma coleção de estudos, esboços e maquettes que permitem seguir as diferentes fases do pensamento do Mestre. Este museu, verdadeiro complemento do Museu Rodin de Paris, estará aberto ao público até 31 de Outubro.

FRANÇA — **ATBAT** — O ATBAT é um escritório de estudos onde trabalham, em estreita colaboração, arquitectos, engenheiros, técnicos, directores de obras e administradores. Esta colaboração permite um estudo muito profundo dos projectos, não só sob o ponto de vista architectónico, mas também nos planos técnico, jurídico e administrativo, graças à intervenção, durante o estudo, de todos os especialistas necessários. Ao contrário do caso geral, em que o arquitecto e os diversos técnicos estudam um mesmo projecto sucessivamente e em escritórios separados, o ATBAT está reunido numa única sede e o arquitecto que lhe confiar um estudo, sob a sua direcção tem ao seu dispor continuamente todos os colaboradores, desde os desenhadores aos orçamentistas, que lhe possam ser úteis. Esta intervenção da ciência do técnico e até do construtor na concepção do projecto traduz-se numa execução simplificada e mais rápida e numa economia de materiais e de mão de obra e por conseguinte de custo de construção.

FRANÇA — **AS INSTALAÇÕES DA O. N. U., EM PARIS** — Para instalar os serviços da O. N. U. em Paris, foi escolhido o antigo Trocadero, onde estão instalados o Museu do Homem, o Museu do Fresco e o Museu de Escultura Comparada. André Lhote, na revista «ARTS», protesta contra esta medida que representa a supressão, durante um ano (e quem sabe se mais) de dois museus únicos no mundo e a mutilação de um terceiro — medida tanto mais revoltante quanto é certo que o Grand Palais continua, deserto e enorme, a ser o local ideal para receber as delegações em questão.

FRANÇA — **O MUSEU DE ARTE MODERNA DE PARIS** — O Museu de Arte Moderna de Paris, que em Julho apresentou uma grande exposição de homenagem a Susana Valadon, por ocasião do 10.º aniversário da sua morte, anuncia, para Outubro, uma exposição da obra de Marquet a outra do escultor austríaco Votruba.

FRANÇA — **UM FILME SOBRE A UNIDADE DE HABITAÇÃO DE MARSELHA** — Está em preparação um filme sobre a Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier. O argumento é de Jacques Gestalder. Dois personagens, um rapaz e uma rapariga, «por entre os operários e as máquinas da

obra, explicarão, passo a passo, a humanidade interior do edifício». A maquette será filmada sobre um bailado de Hélène Sauvaneix. Prevêm-se sete filmes de curta metragem sobre as crianças, a circulação da cidade, o abastecimento e a cooperativa, o desporto e a saúde, a iluminação, a temperatura e o mobiliário.

FRANÇA — U. A. M. — A União dos Artistas Modernos iniciou uma série de conferências de informação para alunos de Escolas de Arte. Francis Jourdain abriu a primeira sessão com a história da Sociedade dos Artistas Modernos. Depois Marcel Lods, desenvolvendo o tema da responsabilidade, ilustrou o que a princípio era um progresso e na nossa época é a necessidade, projectando imagens verdadeiras e irrefutáveis de fotografias tiradas em vários países, sobre a «Evolução da Arquitectura e do Urbanismo».

FRANÇA — CONFERENCIAS TÉCNICAS — No decurso da quinzena de estudos, organizada pela «Grande Masse de l'Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts,» e sob a presidência de Paul Tournon, membro do Instituto, Director da Escola, o sr. François Vitale fez uma conferência sobre as técnicas actuais. Procurando definir o papel actual do architecto e os meios postos à sua disposição, o conferente deu uma ideia geral dos aperfeiçoamentos da técnica acompanhada de numerosas projecções, onde não faltavam obras tais como pontes e barragens, em que o architecto tem um importante papel a desempenhar. Laboratórios, novos materiais e novos métodos postos ao serviço do architecto, impõe a este uma formação técnica, que no entanto, não deverá ser enciclopédica. • À conferência seguiu-se a apresentação dum filme sobre a construção, em Paris do Edifício da Meteorologia Nacional (Architecto, M. Barge).

HOLANDA — EXPOSIÇÃO PAUL KLEE — No Museu Municipal de Amsterdam realizou-se uma exposição retrospectiva do pintor suíço-alemão Paul Klee, professor da Bauhaus que foi expulso por Hitler e veio a morrer na Suíça em 1940. Oito enormes salas documentavam a obra complexa de um dos artistas que directa e indirectamente mais influenciou a arte do nosso tempo. Por coincidência, os editores Faber & Faber publicaram quasi simultaneamente um volume de Herbert Read sobre Paul Klee.

INGLATERRA — A MEDALHA DE OURO DO R. I. B. A. — A grande medalha de ouro do Instituto Real dos Architectos Britânicos foi dada este ano a Auguste Perret, que já era membro do Instituto e Presidente do Conselho Superior da Ordem dos Architectos francesa. Perret foi também nomeado membro correspondente do A. I. A. (Instituto dos Architectos Americanos) e da Academia de Belas Artes de Buenos Aires.

INGLATERRA — UMA EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA AO AR LIVRE — Desde Maio e até Setembro de 1948 está em exhibição no parque de Battersea, em Londres, uma Exposição de Escultura ao Ar Livre em que obras de Despiau, Epstein, Laurens, Lipschitz, Maillol, Matisse, Modigliani, Henry Moore, Rodin, Zadkine e doutros escultores dos últimos cinquenta anos figuram num cenário impressionante, recortando-se contra relevados, lagos e arvoredo. Perto da entrada, e também ao ar livre, alguns escultores trabalham à vista do público, modelando em barro ou trabalhando directamente a pedra, e o público é convidado a conversar com eles e pedir explicações.

ITALIA — ARQUITECTO E. N. ROGERS — E. N. Rogers abandonou a direcção da revista «DOMUS», que assumira desde a Libertação Italiana. Rogers, um dos architectos mais consciences dos problemas do nosso tempo, fizera da revista uma publicação admirável e única no mundo. Na carta em que se despede dos seus leitores, Rogers explica sobria e comoventemente que abandona a revista contra sua vontade. Citamos: «Foi de bom grado que aceitámos a denominação de «humanistas» que nos deram, e da qual nos orgulhamos como duma ordem de cavalaria à qual só tem o direito de aceder quem age, pela arte ou officio que exerça, em uníssono com os mais largos anseios humanos». Gio Ponti, que já dirigira «DOMUS» antes da guerra, retomou o seu cargo.

THE BUILDER'S MATERIALS, por Neuman Tate. — Conforme o próprio autor explica no prefácio, não se trata dum manual técnico, mas sim dum livro destinado sobretudo a estudantes. O assunto tratado por um técnico de grande competência, é apresentado duma forma particularmente atraente e pedagógicamente bem ordenada, em linguagem simples e acompanhado de grande número de desenhos e tabelas, claros e elucidativos. É um livro de estudo de grande valor pedagógico, pois, contendo informações completas sobre todos os materiais usados nas construções de hoje em dia (a pedra, a madeira, os metais, o vidro, os plásticos), seus processos industriais de obtenção, propriedades e aplicações, permite facultar duma maneira simples, ao estudante de Arquitectura ou de Engenharia Civil, a aquisição dos conhecimentos básicos indispensáveis. Edição de Chapman and Hall, Ltd. — Londres 1947.

SMOKE, THE PROBLEM OF COAL AND THE ATMOSPHERE, por Arnold Marsh. — Trata este livro do problema da invasão das cidades inglesas pelos fumos industriais e domésticos e a sua acção nefasta sobre a saúde dos habitantes, a vida das plantas e a conservação das construções. O autor analisa as causas deste fenómeno e os seus efeitos, e apresenta estatísticas e gráficos. Propõe uma série de medidas no sentido de debelar este verdadeiro flagelo da saúde pública e da economia da nação inglesa e refere-se aos esforços que, com o mesmo objectivo, têm sido feitos por organizações oficiais, apresentando fotografias de exposições das campanhas contra o fumo e reproduções de curiosos cartazes de propaganda. Trata também, no final do volume, do problema do fumo noutros países, fazendo a comparação com o que se passa em Inglaterra. Abundantes citações bibliográficas completam o volume.

Edição cuidada e com excelentes fotografias, de Faber and Faber — Londres.

VÉRTICE — Continuamos a receber regularmente esta magnífica revista cultural portuguesa em cujas páginas são tratados os mais variados assuntos de literatura, arte, filosofia, história, sociologia, economia. Do número 54 destacamos o artigo de fundo «O problema da habitação». Foca este artigo as causas principais da lamentável situação a que se chegou entre nós em matéria de habitações, propondo que a solução de tão grave problema seja confiada aos Municípios como organismos capazes de empreender uma acção benéfica com vista ao desaparecimento da desenfreada especulação com os terrenos e as construções, que tem sido um dos maiores flagelos da economia da população. Do número 56-57 destacamos a crítica, acompanhada de várias fotografias, à III Exposição Geral de Artes Plásticas e o artigo ilustrado «Fundamentos e Começos da Arte», pelo architecto Huertas Lobo. Agradecemos a referência a «Arquitectura».



## COTTINELLI TELMO

Por uma trágica coincidência, abre este número com um concurso em que o nome do 1.º prémio era uma modesta homenagem a Cottinelli Telmo. Por outra dessas estranhas coincidência que tanto impressionavam o seu espirito curioso e sensível, a fotografia que encima este parágrafo foi-nos entregue por ele próprio, a nosso pedido, para que viesse publicada neste número, a propósito do 1.º Congresso Nacional de Arquitectura. Já que o atrazo da revista nos não permite mais do que um parágrafo apressado, queremos que este número constitua a nossa homenagem à memória de Cottinelli Telmo. A noticia brutal da sua morte vem-nos dar uma consciéncia mais aguda do sem-número de coisas a que o seu nome estava ligado. Cottinelli Telmo, por inclinação e por convicção era um dos que acreditavam que a palavra architecto abraça uma multiplicidade de interesses que devem ir muito além da mera técnica e estética profissionais. Escritor vivo e entusiasta, desenhador e ilustrador de raro talento, apaixonado pela Arte em todos os seus aspectos, chegou a realizar cinema — do qual preferia os documentários que criou para a C. P. dentre as suas obras architectónicas mais recentes, destacamos a «Standard Eléctrica» na Avenida da Índia e o arranjo interior da Estação do Rossio.